



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**João Lucas Magalhães Moraes**

**Edgar Allan Poe: presença e recepção no Brasil (1865-1916)**

**CAMPINAS**

**2016**

**João Lucas Magalhães Moraes**

**Edgar Allan Poe: presença e recepção no Brasil (1865-1916)**

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Letras – Português.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Márcia Azevedo de Abreu

CAMPINAS

2016

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Érica e Júlio, por todo o amor, dedicação e apoio que me forneceram durante minha vida. Tudo o que sou hoje devo a vocês, meus melhores e eternos professores. É impossível descrever meu sentimento de felicidade e gratidão. Amo muito vocês!

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Azevedo de Abreu, pela leitura e revisão deste trabalho e por todos os ensinamentos durante os anos de graduação. Agradeço a ela e à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Orna Messer Levin pela oportunidade de participar deste projeto.

A meus co-orientadores, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Anna Porto e Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Atilio Bergamini, que me auxiliaram com conversas e sugestões para a melhor realização desta pesquisa.

A todos os membros do projeto “A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX”. Aprendi e me motivei com todos vocês. Foi essencial o convívio e a possibilidade de compartilhar as dúvidas e descobertas de pesquisa em um grupo sempre disposto a ajudar. Em especial, agradeço a Beatriz, por seus conselhos e dicas; e ao Julio, pela ajuda com os catálogos de bibliotecas e livreiros.

A todos meus amigos e familiares, que direta ou indiretamente, tornaram o processo de escrita desta monografia um momento leve e feliz. Em especial, agradeço a Ana Rafaella, que esteve sempre disposta a me acompanhar nos momentos felizes e tristes, dando-me forças para continuar.

*Não fui, na infância, como os outros  
e nunca vi como outros viam.  
Minhas paixões eu não podia  
tirar de fonte igual à deles;  
e era outra a origem da tristeza,  
e era outro o canto, que acordava  
o coração para a alegria.*

Edgar Allan Poe

## RESUMO

Esta pesquisa, vinculada ao projeto temático FAPESP “*A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX*”, se propõe a estudar a presença de obras ficcionais do autor americano Edgar Allan Poe no Brasil durante o período de 1865 a 1916. Para tanto, foram analisados catálogos de bibliotecas nacionais e de livreiros-editores; publicações de contos tanto em formato de livro quanto em jornais nacionais, e anúncios de obras poeanas em periódicos. O intervalo de tempo considerado decorre da data do primeiro catálogo de livreiro-editor estudado, de 1865, e da primeira publicação em português da obra *As Aventuras de Arthur Gordon Pym*, datada de 1916. Analisou-se também a recepção crítica de Edgar Allan Poe realizada pelos homens de letras brasileiros oitocentistas que publicaram em periódicos nacionais no intervalo citado. Após a localização de referências a respeito de elementos pessoais da vida do autor, buscou-se também analisar as menções ao nome de Edgar Allan Poe encontradas nos jornais à luz do conceito literário de autor celebridade. Apesar da pequena concentração de obras e de avaliações críticas localizadas no país durante o período, percebeu-se que o autor foi uma figura conhecida dos leitores da época, dado o número relevante de menções ao seu nome encontradas nos periódicos.

**Palavras-chave:** Edgar Allan Poe; Gabinete de Leitura; Livraria; Biblioteca; Século XIX; Brasil.

## **ABSTRACT**

This work, developed within the international project “The transatlantic circulation of printed matter: the globalization of the culture in the 19th Century”, aims to study the presence of fictional works by American author Edgar Allan Poe in Brazil from 1865 (and advertisements of Poe’s works in periodicals) to 1916 (first portuguese publication of “The Narrative of Arthur Gordon Pym of Nantucket”). We searched for information in advertisements of Poe’s works in periodicals, catalogs of national libraries and bookseller-publishers. We also looked for data about the publication of his stories both in book and newspapers. The critical reception of Edgar Allan Poe by brazilian critics of eighteenth-century who published in national periodicals was also analysed. After establishing references about the author’s life, we observed the references made to the name of Edgar Allan Poe in newspapers and we analysed them in light of the literary concept of celebrity author. Despite the small concentration of works and critical evaluations located in Brazil during the period, it was perceived that the author was a figure known to the readers at the time, given the relevant number of references of his name found in periodicals.

**Key words:** Romance; Edgar Allan Poe; Newspapers.

## SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo 1 – A Circulação das Narrativas Ficcionalis de Edgar Allan Poe no Brasil (1865-1916)..	5
1.1. Publicação das Narrativas Ficcionalis de Poe em língua portuguesa: Portugal e Brasil.....	5
1.2. Presença de narrativas ficcionalis de Poe em bibliotecas e catálogos de livreiros.....	11
1.3. Presença de anúncios de obras de Poe em periódicos .....	14
Capítulo 2 - A Recepção Crítica de Edgar Allan Poe (1865-1916).....	16
2.1 A Circulação Americana .....	16
2.2. A Circulação Francesa.....	19
2.3 A Recepção Brasileira.....	21
Capítulo 3 – Alusões ao nome de Edgar Allan Poe em periódicos brasileiros (1865 – 1916).....	26
3.1. Autor celebridade.....	30
Considerações finais.....	34
Bibliografia.....	36
Anexos.....	40

## INTRODUÇÃO

O século XIX pode ser apontado como um período importante para a circulação e para o comércio de livros. Durante o intervalo de tempo compreendido entre o fim da Revolução Francesa (1789) até o início da I Guerra Mundial (1914) – o chamado “longo século XIX”<sup>1</sup> – diversos acontecimentos importantes vieram à tona, interferindo diretamente na realidade da leitura e na forma como ela era vista até então.<sup>2</sup>

Durante os séculos XVIII e XIX, ocorreu um aumento demográfico mundial, além de uma significativa expansão do sistema educacional. Verificou-se também, na segunda metade do século XIX, a introdução de modificações técnicas na produção de livros, como o uso da prensa a vapor. Todos esses fatores reunidos possibilitaram um crescimento no processo de difusão dos livros, que começaram a ser produzidos em maior escala e em menor tempo, e podendo ser lidos por um maior número de pessoas.<sup>3</sup>

Estudos recentes tematizam essa realidade, mostrando que países de diversos continentes, com diferentes culturas e línguas, além de firmarem contratos para o comércio de livros, demonstravam interesse por obras semelhantes. Em outras palavras, pode-se afirmar que existia na época uma verdadeira sincronia entre aquilo que era lido na França e lido no Brasil, por exemplo. Sobre essa questão, Marcia Abreu afirma que é possível observar

a existência de uma sincronia nas leituras e uma já evidente globalização do mercado editorial, que era capaz de colocar à venda as mesmas obras, em diferentes partes do mundo, no mesmo período. Fica evidente, também, a existência de gosto literário globalizado, profundamente marcado pelas obras francesas dos séculos XVII e XVIII, e pelas referências clássicas.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> A expressão “longo século XIX” foi cunhada pelo historiador Eric Hobsbawn.

<sup>2</sup> ABREU, Márcia. “A Circulação Transatlântica dos Impressos: a Globalização da Cultura no Século XIX. ” In: *Livro - revista do núcleo de estudos do livro e da edição*. Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes - Universidade de São Paulo. 2011, pp. 115-130. Disponível em: < <http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/arquivos/ensaio.pdf>> Acesso em: 19 agos. 2015. 2011.

<sup>3</sup> BELLIN, Greicy Pinto. *Modernidade, Identidade e Metrópole Cosmopolita em Poe, Baudelaire e Machado de Assis*. 2015. 417 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2015.

<sup>4</sup> ABREU, Márcia. “A circulação de romances como problema para a história literária. ” In: *Escola São Paulo de Estudos Avançados*, 2012. Campinas. Anais... Campinas, Unicamp, 2012.

Um exemplo que se insere justamente nesta temática de circulação de livros é a obra do autor norte-americano Edgar Allan Poe, pois é possível encontrá-la em locais distintos, como nos Estados Unidos, na França e no Brasil. Entretanto, ela não esteve presente de maneira idêntica nos vários lugares nem foi recebida da mesma forma. Por isso, este trabalho visa observar a circulação e a recepção das narrativas ficcionais de Edgar Allan Poe no Brasil durante a segunda metade do século XIX e início do século XX, entre os anos de 1865 (data do primeiro catálogo de livreiro-editor estudado) a 1916 (primeira publicação em português da obra *As Aventuras de Arthur Gordon Pym*).

Para a pesquisa, foi de extrema importância a consulta ao Banco de Dados do Projeto Circulação Transatlântica dos Impressos (CiTrIm), em que há informações sobre catálogos de livreiros e de bibliotecas, bem como a leitura de periódicos brasileiros da época, disponibilizados pelo site da Hemeroteca Nacional Digital.<sup>5</sup>

A fim de situar o leitor sobre os dados básicos da biografia de Edgar Allan Poe, apresentamos, a seguir, uma breve cronologia de sua vida.

O autor nasceu na cidade de Boston em janeiro de 1809 e faleceu em outubro de 1849, em estado de grande miséria, com quase 41 anos de idade. Apesar de sua morte prematura, Poe conseguiu produzir uma significativa quantidade de textos em poesia e prosa.

Após o falecimento de seus pais, ainda durante sua infância, Poe foi adotado pelo casal John e Frances Allan. Ao sair da Universidade de Virgínia, iniciou sua vida como escritor com a publicação da obra poética *Tamerlane and Other Poems* [Tamerlane e outros Poemas], em 1827. Sua estreia se deu a partir de recursos próprios e a obra não obteve reconhecimento por parte da crítica e do público da época. Essa dificuldade em viver da própria escrita acompanhou Poe durante boa parte de sua carreira.

No ano de 1829, Poe publicou sua segunda obra poética *Al Aaraaf, Tamerlane, and Minor Poems* [Al Aaraaf, Tamerlane e Poemas menores], e em 1831, a terceira, intitulada *Poems* [Poemas]. A publicação de contos ocorreu somente a partir do ano de 1832, quando Poe enviou cinco textos para serem publicados no periódico *Saturday Courier*, localizado na cidade de

---

<sup>5</sup> O acervo de periódicos contidos na Hemeroteca Nacional Digital pode ser acessado no seguinte endereço: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>

Filadélfia. Dentre esses contos, constavam os *Metzengerstein* [Metzengerstein] e *The Baragoin Lost (Bom-Bom)* [Bon-Bom]. A partir de 1835, começou a trabalhar no periódico *Southern Literary Messenger*. Ali, exercendo atividades como crítico literário, conseguiu escrever cerca de 37 críticas de livros, publicando também nove contos e quatro poemas. Dentre os contos publicados nesse momento, estão *Berenice* [Berenice] e *Morella* [Morella].<sup>6</sup>

*The Narrative of Arthur Gordon Pym of Nantucket* [As Aventuras de Arthur Gordon Pym], seu primeiro e único romance, foi publicado no jornal em que trabalhava em 1837, assumindo a forma de livro no ano seguinte. A partir de 1839, Poe começou a trabalhar como editor no jornal *Burton's Gentleman's Magazine*, também em Filadélfia, e publicou uma série de contos importantes, como *The Fall of the House of Usher* [A Queda da Casa de Usher]. Com o passar dos anos, trabalhou também em outros periódicos, como *Graham's Magazine*, *Godey's Lady's Book* e *Broadway Journal*. Nesse mesmo período, tentou fundar sua própria revista, a *Penn Magazine*, mas não conseguiu concretizá-la.<sup>7</sup>

Em dezembro de 1839, Poe publicou em dois volumes sua primeira coletânea de contos intitulada *Tales of the Grotesque and Arabesque* [Contos do Grotesco e Arabesco], contendo vinte e cinco narrativas ficcionais curtas, boa parte das quais já haviam sido publicadas em jornais.<sup>8</sup> Esta obra é a primeira a apresentar uma seleção de contos do americano, realizada pelo próprio autor.

Seu famoso poema *The Raven* [O Corvo] foi publicado pela primeira vez em 1845, no jornal *Evening Mirror*. Poe continuou a publicação de contos e poesias em jornais até o ano de seu falecimento, em outubro de 1849.

Ao realizar esse breve panorama das primeiras publicações de Edgar Allan Poe em seu país, é possível observar uma íntima relação entre a publicação de suas obras e o ofício que exerceu nos jornais em que trabalhou. Poe foi não apenas escritor ao longo de sua vida, mas também editor e crítico literário. Seu trabalho em jornais foi intenso e conviveu com sua vida como autor de poesias e contos.

---

<sup>6</sup> ARAÚJO, R. *Edgar Allan Poe: um homem em sua sombra*. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2002.

<sup>7</sup> (*idem*)

<sup>8</sup> POE, Edgar Allan Poe. *Ficção Completa, Poesia & Ensaios*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora. 1965.

Nesta pesquisa, vamos examinar a presença de Poe em jornais, livrarias e editoras com os quais ele possivelmente jamais sonhou – aqueles instalados no Brasil na segunda metade do século XIX.

No capítulo inicial, apresentamos como circularam no país os contos de Edgar Allan Poe, tanto no formato livro quanto em folhetim. Destacamos a presença de suas obras em catálogos de bibliotecas e de livreiros, assim como anúncios de seus livros presentes nos jornais. Com isso, é possível dizer quais livros estavam disponíveis aos leitores brasileiros durante o período.

O capítulo segundo se concentra na realização de um levantamento de textos críticos encontrados em periódicos nacionais que se dedicaram a analisar o trabalho literário de Poe. Assim, podemos aferir como os letrados da época receberam as obras do norte-americano. São apresentadas também algumas observações a respeito da circulação e da recepção crítica de suas obras nos Estados Unidos e na França. Esse exercício possibilita dizer se a crítica brasileira apresentou pontos em comum com as outras duas destacadas.

Durante a realização da pesquisa em busca de textos críticos, chamou a atenção o número considerável de menções ao nome de Edgar Allan Poe encontradas nos periódicos oitocentistas. Trata-se de informações das mais diversas, desde citações de frases do autor a relatos minuciosos de aspectos de sua vida pessoal. O terceiro capítulo deste trabalho reúne as principais menções e analisa-as de acordo com o conceito de Loren Glass denominado autor celebridade, considerado aqui como uma possível explicação para a existência de tais textos.

## **CAPÍTULO 1 – A CIRCULAÇÃO DAS NARRATIVAS FICCIONAIS DE EDGAR ALLAN POE NO BRASIL (1865-1916)**

Este primeiro capítulo apresenta informações que permitem compreender como as narrativas ficcionais de Edgar Allan Poe circularam no Brasil durante o final do século XIX e início do século XX. Uma ferramenta essencial para a realização da pesquisa foi o estudo dos periódicos brasileiros publicados durante o período indicado.

Inicialmente, fizemos um levantamento de publicações de narrativas ficcionais de Poe em português editados em Portugal e no Brasil. Após essa listagem, buscamos obras poeanas publicadas em formato de folhetim em periódicos brasileiros. Além disso, buscamos também informações a respeito de obras de Poe presentes em catálogos de bibliotecas do Brasil e em catálogos de livreiros editores que circularam pelo país. Por fim, elencamos anúncios de contos presentes em periódicos brasileiros, a fim de constatar quais obras estavam sendo vendidas na época. Analisando-se essas informações foi verificado o processo de circulação das obras de Edgar Allan Poe no Brasil, e suas disponibilidades aos leitores brasileiros.

### **1.1 Publicação de narrativas ficcionais de Poe em língua portuguesa: Portugal e Brasil**

As obras de Edgar Allan Poe não foram lidas apenas em seu país de origem. Ainda durante o século XIX e no início do século XX, identificamos textos do autor traduzidos em português e que circularam tanto na Europa quanto no Brasil. Eles estavam disponíveis aos leitores em dois formatos principais: em livros (obras isoladas ou coletâneas) e em periódicos, especialmente no espaço do jornal destinado às notícias de variedades e textos literários, denominado *folhetim*.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> O folhetim, segundo Marlyse Meyer, teve início na França em 1836. Tratava-se de um espaço, localizado no rodapé dos periódicos, que trazia textos de diversos assuntos. Dentre esses textos, estavam os romances. O *feuilleton* tornou-se um sucesso, promovendo o crescimento das vendas de jornais no país, e além disso, possibilitou profundas mudanças no processo de circulação e de leitura. MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

As primeiras publicações em livro das obras de Poe em português foram realizadas em Portugal e datam do fim do século XIX.<sup>10</sup> A primeira delas, denominada *Alexandrina*, foi editada na cidade de Porto em 1876, pela editora Imprensa Portuguesa e organizada por Amadeu Achard. A obra era uma coletânea de dois textos, o conto *O Escaravelho de Ouro*, de Poe, e a peça *A Pérola Negra*, do dramaturgo francês Victorien Sardou. Essa edição é a primeira que identificamos de uma série de outras publicações do autor feitas em coletânea, muitas vezes contendo, na mesma obra, textos literários de outros autores.

A segunda publicação portuguesa é datada de 1884, foi organizada e traduzida por Palermo de Faria e editada em Lisboa pela editora Escriptorio da Empreza. A edição trazia o conto *O Gato Preto*, de Poe, juntamente com o romance *No Tempo do Terror*, de Jules Boulabert.

A terceira e quarta publicações portuguesas de textos poeanos foram editadas em Lisboa, pela editora Companhia Nacional, nos anos de 1889 e 1890. Ambas as publicações foram traduzidas e organizadas por Mécia Mousinho de Albuquerque. A de 1889 configurou-se como a primeira coletânea composta exclusivamente de contos de Poe em português. Seu título levava o nome *O Escaravelho de ouro e outros*, contendo os contos *O Poço e o Pêndulo*, *Hop Frog*, *O Demônio da Perversidade*, *O Gato Preto*, *William Wilson*, *Silêncio*, *Sombra*, *O Escaravelho de ouro* e *Berenice*. Já a publicação de 1890 foi a segunda coletânea lançada, com o título *Rei Peste e outros*, e continha sete contos de Poe, a saber: *O Rei Peste*, *A Genese de um Poema*, *Pequena Discussão com uma Múmia*, *O Homem das Chusmas*, *O Systema do Dr. Breu e do Professor Penna*, *Colloquio entre Eiros e Charmion* e *O Poder da Palavra*.

A quinta publicação portuguesa surgiu dez anos depois, com a edição do conto *A Entrevista*, em uma versão elaborada pelo autor português Antero de Quental, editada na cidade de Coimbra pela editora Typ. de M. Reis Gomes, em 1900. A sexta publicação que encontramos traz o conto *A Carta Roubada*, de Poe, juntamente com o romance *A Menina dos Olhos de Ouro*, do autor francês Honoré de Balzac. Foi traduzida por Assis de Carvalho e publicada no ano de 1906 na mesma cidade pela A Editora.

A sétima publicação portuguesa é a do conto *O Rei Peste*, e que no mesmo ano de 1908, possuiu duas edições. A obra foi editada na cidade de Lisboa pela coleção “Bibliotheca

---

<sup>10</sup> A cronologia das obras localizadas durante a pesquisa pode ser consultada em “Anexos”.

universal antiga e moderna” pela A Editora. Ao apresentar duas edições em um mesmo ano, esse fato demonstra que a obra adquiriu uma procura elevada por parte dos leitores portugueses.

Todas as publicações portuguesas pesquisadas até o ano de 1908 foram de contos, também conhecidos como narrativas ficcionais curtas. Além desse tipo de texto, Poe foi autor de poesias, de textos críticos e de um romance. Este único romance foi traduzido para a língua portuguesa em uma edição de 1916. O romance denominado *Aventuras de Arthur Gordon Pym* foi publicado na cidade de Lisboa, pela editora Parceria Antonio Maria Pereira, e traduzido por Câmara Lima. Por conta dessa edição, o período utilizado para a realização da pesquisa tem como data limite o ano de 1916.

As publicações citadas até o momento foram produzidas em Portugal. No Brasil, Poe começa a ser conhecido a partir da tradução que Machado de Assis fez do poema *The Raven*, em 1883. Após essa primeira tradução, muitas outras surgiram:

“O Corvo” foi traduzido pela primeira vez para o português por Machado de Assis (1883), tradução que o poeta Emílio de Menezes (1866-1918) parafraseou numa sequência de dezoito sonetos (1917), depois, por Fernando Pessoa (1924), pelos jornalistas e tradutores Gondin da Fonseca (1926) e Milton Amado (1944), pelo poeta Benedicto Lopes (1956), que o traduziu na forma de vinte e dois sonetos, por Cabral do Nascimento (1972), por Alexei Bueno (1980) e por Aluysio Mendonça Sampaio (1998).<sup>11</sup>

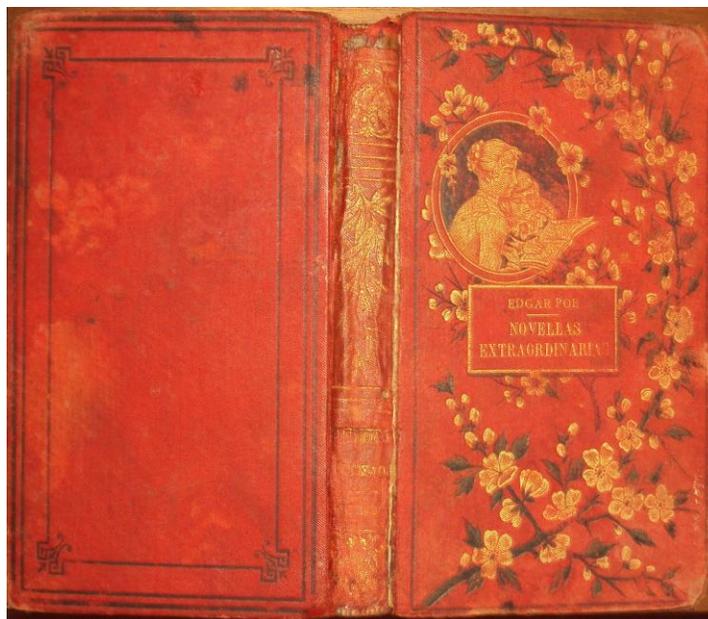
Com a grande quantidade de traduções do poema realizadas por autores de expressão, como Machado e Pessoa, Poe ficou mais conhecido como o autor de *O Corvo* do que autor de contos.

A primeira publicação em português realizada no Brasil de contos poeanos ocorreu somente no início do século XX, em 1903, editada por H. Garnier Livreiro-Editor, na cidade do Rio de Janeiro. A obra continha o título *Novellas Extraordinárias*, e trazia dezoito contos de Poe, além do texto *O Corvo (Gênese de um poema)*, versão em prosa que o poeta francês Charles Baudelaire fez do poema *The Raven*. Os contos que estavam nesse volume eram: *O Rei Peste*,

---

<sup>11</sup> DAGHLIAN, Carlos. *A recepção de Poe na literatura brasileira*. Fragmentos (Florianópolis), Florianópolis - SC, n.17, p. 7-14, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/6370/5927>> Acesso em: 06 dez. 2015.

*Pequena discussão com uma Múmia, O Homem das Multidões, O Sistema do doutor Breu e do professor Pena, Colóquio entre Monos e Uma, Colóquio entre Eiros e Charmion, Poder da palavra, A carta roubada, Duplo Assassínio na rua Morgue, O escaravelho de ouro, O poço e o pêndulo, Hopfrog, O demônio da perversidade, O gato preto, William Wilson, Silêncio, Sombra e Berenice.*<sup>12</sup>



Capa da primeira edição de *Novellas Extraordinárias*, publicada em 1903<sup>13</sup>

Ao analisar os contos contidos nessa edição de 1903, é possível perceber que são exatamente os mesmos contos das edições portuguesas de 1890 e 1889, organizadas e traduzidas por Mécia Mousinho de Albuquerque. Não somente são os mesmos contos, mas até a ordem deles é exatamente a mesma. A edição brasileira contém os dizeres “tradução brasileira”, sem afirmar diretamente o nome do tradutor. Segundo Denize Bottmann, não há como afirmar com certeza se esta tradução é de fato inédita e brasileira ou é uma cópia da tradução portuguesa. Para que essa questão possa ser esclarecida, seria necessário analisar as edições portuguesas de 1889 e

<sup>12</sup> BOTTMANN, Denise. *Alguns aspectos da presença de Edgar Allan Poe no Brasil*. Tradução em Revista (Online), v. 8, p. 01-19, 2010. Disponível em: <<http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/15900/15900.PDFXXvmi=uZDcWqms2u3SAIGdg7SC6GaJj4qPzIP4HshETE7W9aPKwwZNERpLxAvSFWIfFxkn2C2VhaTrJdShcGV47IDievocfESozgQCIMUtHnPrBIJNpGSxowgE4GQjkJ8k1ZXkMTUuhEWSnGHNmBlM8DqdjhxF2H14GZotSd0aSW4gDM41nqNw5eLowj5A16EI63dZhdAAafqO2vPqXEZ3SKsq4x16FFOLJ2K1fVbqbDfe96G8KFbEqF5vd7CSMqEvspX>> Acesso em 06 dez. 2015.

<sup>13</sup> BOTTMANN, Denise. *Poe XLVII, primeiro livro de poe em tradução brasileira*. Disponível em: <http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/2011/08/poe-xlvii-primeiro-livro-de-poe-em.html> Acesso em: 28 dez. 2015.

1890, que, infelizmente, estão indisponíveis para consulta no acervo da Biblioteca Nacional de Portugal.<sup>14</sup>

Até o momento, listamos as publicações em livro de textos de Poe em português, publicados tanto em Portugal quanto no Brasil, até o ano de 1916. Em Portugal, identificamos oito publicações de obras até essa data, incluindo a do romance *Aventuras de Arthur Gordon Pym*. No Brasil, há apenas a publicação de 1903, editada por H. Garnier Livreiro-Editor.

Contudo, a circulação do autor não se manifestou apenas no formato livro. Simultaneamente aos livros, seus textos foram publicados em diferentes periódicos brasileiros.

A primeira publicação localizada em periódico data de 20 de abril de 1885. Trata-se da publicação do poema *O Corvo*, tradução do poeta e escritor brasileiro Venceslão de Queiroz, no jornal *O Mequetrefe*, no Rio de Janeiro. O poema foi reproduzido em sua totalidade, em uma versão em prosa. Já a primeira publicação de narrativas ficcionais encontrada ocorreu no jornal *Diário do Brazil*, no Rio de Janeiro, na data de 27 de agosto de 1885. O conto *Sombras* foi publicado de uma só vez, na terceira página do jornal, na coluna denominada "Variedade". O mesmo conto voltou a ser publicado no ano seguinte, em 12 de abril, no periódico *A Pacotilha*, no Rio de Janeiro. Também foi publicado de uma só vez, mas, na primeira página do jornal, na coluna "Literatura".

O conto *O Poço e o Pêndulo* foi publicado no periódico *Diário de Pernambuco* no dia 15 de abril de 1888, na página de número oito, na coluna "Literatura". O periódico *A Pacotilha*, entre os dias 02 e 05 de maio de 1888, publicou o mesmo conto em formato de folhetim. E no mesmo ano novamente, entre os dias 25 de julho e 06 de agosto, o periódico *Constituição*, no Rio de Janeiro, lançou *O Poço e o Pêndulo* de Poe no mesmo formato.

A sexta publicação de contos de Poe data de 01 de abril de 1890<sup>15</sup>. *Gato Preto* foi publicado no periódico *Gazeta da Tarde*, também localizado na cidade do Rio de Janeiro, ao pé da página, no espaço denominado "Folhetim". O conto se diferencia do original escrito por Poe; trata-se de uma versão elaborada e assinada por "S. de M.". Treze dias depois, ocorreu a publicação, no mesmo periódico, do conto *O Homem das Multidões*, também em folhetim, que

---

<sup>14</sup> BOTTMAN, Op. cit.

<sup>15</sup> Essa narrativa foi publicada em série. A publicação de 01 de abril de 1890 corresponde à última parte do conto, não sendo possível a localização das partes predecessoras.

foi adaptado pelo mesmo “S. de M.”. E no dia 24 de abril desse mesmo ano, após 10 dias do lançamento do conto anterior, *O Coração Revelador* surgiu em folhetim, adaptado pelo mesmo nome já citado.

A nona publicação de contos de Poe ocorreu dia 01 de maio de 1890. *O Gato Preto* foi lançado no periódico *Diário do Maranhão*, adaptado para folhetim, sendo responsável o mesmo “S. de M.” por adaptá-lo ao novo formato. A terceira e última parte do conto foi publicada quatro dias depois.

Cerca de seis anos após essa publicação, *A Carta Roubada* foi publicada no jornal *Correio Paulistano*, no dia 02 de julho, de forma completa, no espaço denominado “Variedades”. O conto *A Máscara da Morte Vermelha* foi publicado no jornal *A Pacotilha* no dia 18 de novembro de 1906, na cidade do Rio de Janeiro. A narrativa veio na terceira página do jornal, e sem cortes. Por fim, a última publicação que localizamos até o ano de 1916 foi da narrativa *O Coração Revelador*, na data de 26 de janeiro de 1910, no periódico *Diário do Maranhão*.

No total, entre os anos de 1865 e 1916, foram localizadas 12 publicações de contos de Edgar Allan Poe em periódicos espalhados por vários lugares do território brasileiro. Nesse período, sete contos diferentes foram lançados em sete periódicos distintos, localizados nos estados de Maranhão, São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco.

Ao observar as obras poeanas publicadas em formato de livro e em periódicos nacionais, os dados demonstram que os leitores de português poderiam conhecer uma gama variada de escritos de Poe, mesmo que não fossem capazes de lê-los em sua língua original. Entretanto, no caso das obras em formato de livro, as publicações estavam espalhadas por Portugal e Brasil, tendo sido editadas em diversas cidades e estados.

Após elencar a presença de obras de Poe em português, tanto em formato de livro quanto publicadas em periódicos, é importante considerar quais obras estavam presentes em bibliotecas e catálogos de livreiros brasileiros. Dessa forma, é possível definir com mais clareza quais obras estavam acessíveis ao público nacional.

## 1.2. Presença de narrativas ficcionais de Poe em bibliotecas e catálogos de livreiros

Para a realização dessa parte da pesquisa, consideramos os dados armazenados no banco de dados do projeto Circulação Transatlântica dos Impressos (CiTrIm), que contém catálogos de livreiros e de bibliotecas publicados entre 1865 e 1910.<sup>16</sup> Os catálogos pesquisados foram das seguintes bibliotecas: Biblioteca Fluminense (1866), Catálogo Suplementar dos Livros do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro (1868), Catálogo da Biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo (1887), Catálogo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro/Coleção Teresa Cristina (1903) e o catálogo da Associação dos Empregados no Comercio de Porto Alegre (1909). Além desses catálogos, o acervo on-line do Gabinete Português de Leitura também foi consultado. Importante considerar que os catálogos de bibliotecas têm a função de apresentar o acervo aos seus sócios e ao público em geral. As obras de Edgar Allan Poe localizadas nos catálogos demonstram quais títulos estavam disponíveis aos leitores brasileiros durante a segunda metade do século XIX e começo do século XX.

Os primeiros dados disponíveis estão no catálogo de 1868 do Real Gabinete Português de Leitura, localizado na cidade do Rio de Janeiro. A primeira obra de Poe encontrada data de 1862; trata-se da tradução do poeta Charles Baudelaire para o francês do romance *Aventures d'Arthur Gordon Pym* [As Aventuras de Arthur Gordon Pym], pela editora Nouvelle édition, em Paris. No mesmo catálogo, uma outra edição da mesma obra também foi encontrada, datada de 1868. Ambas foram produzidas em formato in-8°.

Essas duas obras foram as únicas encontradas no catálogo de 1868. Contudo, ao ser consultado o catálogo on-line do Real Gabinete Português de Leitura, é possível identificar outras obras de Poe publicadas até o ano de 1916.<sup>17</sup>

O francês Charles Baudelaire foi responsável por traduzir uma série de textos de Poe para o francês. Dentre suas traduções, além do romance citado, organizou três coletâneas de

---

<sup>16</sup> Os dados foram recolhidos pelos pesquisadores Larissa de Assumpção e Julio Cesar Modenez, e inseridos no CiTrIm, banco de dados do projeto Circulação Transatlântica dos Impressos, o que tornou possível sua consulta e utilização nesse trabalho. Agradecemos a estes pesquisadores pela disponibilização e organização dos dados.

<sup>17</sup> Não é possível afirmar que as obras presentes no catálogo on-line estivessem disponíveis no século XIX, uma vez que edições oitocentistas podem ter sido adquiridas no século XX ou XXI. Consideramos aqui somente a data de publicação das obras, uma vez que o catálogo on-line da instituição não informa sobre a data de aquisição dos livros. O acervo on-line do Real Gabinete pode ser acessado em: <http://www.realgabinete.com.br/portalWeb/> Acesso em: 21 ago. 2016.

contos poeanos<sup>18</sup>. Dentre essas coletâneas, duas delas foram localizadas no Real Gabinete, no catálogo on-line. A primeira tem como título *Histoires extraordinaires* [Histórias Extraordinárias], editada em Paris, pela editora Nouvelle edition, datada de 1867. Já a segunda coletânea, chamada *Nouvelles histoires extraordinaires* [Novas Histórias Extraordinárias], apresenta três edições, datadas de 1868, 1869 e 1897. As três edições foram produzidas pela editora Nouvelle edition, também em Paris, e tanto a primeira coletânea quanto as três edições da segunda estão no formato in-8°.

Foram localizadas no mesmo Gabinete mais duas coletâneas de contos do autor, presentes no catálogo on-line. Ambas foram organizadas por John H. Ingran. A primeira se chama *Poems and Essays* [Poemas e Ensaios], e apesar de estar escrita em inglês, tem como local de edição Leipzig, importante cidade alemã. A editora leva o nome de Bernhard Tauchnitz, e tem como ano de edição 1884. A segunda coletânea, por sua vez, chama-se *Tales* [Contos], também editada em Leipzig, pela mesma editora, e no mesmo ano. Um detalhe interessante é que esse segundo livro vem acompanhado dos dizeres “Obra pertencente a biblioteca pessoal de João do Rio”. Aqui é possível perceber que Poe estava presente na coleção pessoal de um importante escritor brasileiro do período.

Outro ponto de destaque é ausência de edições portuguesas e brasileiras no Real Gabinete das obras de Poe editadas até 1916. Somente foram encontradas essas oito edições citadas acima, seis em língua francesa e duas em língua inglesa. Isso demonstra que a circulação de traduções para o português era pequena e evidencia a existência de um público leitor multilíngue no Rio de Janeiro.

A segunda biblioteca estudada foi a da Associação dos Empregados no Commercio de Porto Alegre, catálogo referente ao ano de 1909. Ao longo de todo o catálogo, apenas uma obra de Poe foi citada. Trata-se de uma coletânea alemã de contos que leva o nome de *Seltsame Geschichten* [Histórias Estranhas]. Não há informações a respeito da data ou local de edição da obra. O catálogo apenas informa o seu número de registro (3105) e o número de volumes disponíveis (1). Ao pesquisar o título da obra em sites de busca da internet, localizamos uma edição de 1881 e outra de 1900. A primeira foi editada pela editora W. Spemann, em Stuttgart; já

---

<sup>18</sup> A relação do poeta Charles Baudelaire com Edgar Allan Poe será estudada mais de perto no segundo capítulo deste trabalho.

a segunda foi editada em Leipzig, pela editora Reclam. Uma dessas edições pode ser a do catálogo de 1909.

Durante a pesquisa em periódicos, encontramos um artigo no jornal *A República*, da cidade de Curitiba, que anunciava as recentes aquisições da Biblioteca do Club Litterário “19 de Novembro”, localizado na mesma cidade paranaense. A notícia é datada de 05 de setembro de 1910. O artigo descrevia dezenas de obras, dentre as quais estavam duas de Poe: *O Rei Peste* e *Nouvelles histoires extraordinaires*. O artigo, infelizmente, não apresenta qualquer informação a respeito da data ou local de edição das obras, mas, pela data do artigo é possível saber que são anteriores a 1910. Há a edição de 1890 de *O Rei Peste*, editada pela Companhia Nacional Editora em Lisboa. Já a obra *Nouvelles histoires extraordinaires* apresenta 16 edições diferentes entre os anos de 1856 e 1905. Logo, a obra presente no catálogo pode ser qualquer uma dentre essas edições.

Além de considerar a presença de Poe em bibliotecas, foram pesquisados também catálogos de livreiros que circularam no Brasil durante o período estudado, conservados no CiTrIm. Os catálogos pesquisados foram os seguintes: Catálogos da Livraria de B. L. Garnier (1865, 1870, 1872, 1873, 1874, 1876), Catálogo da Livraria de A.A da Cruz Coutinho (1875), Catálogo da Livraria Garraux, de Lailhacar & Cia. (1865), e o Catálogo da Livraria Azevedo (1904).

Após a pesquisa em todos os catálogos descritos acima, somente uma obra poeana foi localizada no catálogo de número dois da Livraria de B. L. Garnier, datado de 1870. O título da obra é *Cousas extraordinarias: O escaravelho de oiro, A febre dos diamantes, Amor nas trevas, Inglezes e Chinezes, por Poe, Hoffmann, Scribe, Méry*. A obra continha o conto *O escaravelho de oiro*, de Poe, publicado juntamente com outros escritos de autores diversos. O catálogo não traz informações a respeito da data e do local de edição da obra. Também não foi possível localizar qualquer menção dela em sites de busca. Sua única referência se dá no catálogo descrito.

Após esses dados, é possível afirmar que entre os anos de 1865 e 1916 foram encontradas 12 obras de Edgar Allan Poe em bibliotecas e catálogos de livreiros. Dentre essas obras, sete delas foram impressas em francês, duas em inglês, uma em alemão e duas em português.

Esses dados demonstram que era pequena a presença de obras de Poe em bibliotecas e catálogos de livreiros, com ainda menor a existência de obras escritas em português. Se, por um lado, isso indica a existência de um público leitor capaz de ler em várias línguas, revela também que a penetração dos livros de Poe parece ter sido restrita entre os leitores brasileiros da segunda metade do século XIX e início do século XX.

### **1.3. Presença de anúncios de obras de Poe em periódicos**

Estudar os anúncios de obras de Poe em periódicos brasileiros é uma outra forma de constatar como se deu a presença do autor no Brasil. Essas informações, somadas àquelas apresentadas anteriormente, como a presença de obras em catálogos de livreiros e bibliotecas, além da publicação dessas obras em formato de livro e em folhetim, deixam mais claro como foi a presença de Edgar Allan Poe no país, especificamente durante o fim do século XIX e início do XX.

O primeiro anúncio encontrado data de 10 de fevereiro de 1884, no periódico *Diário do Brasil*, da cidade do Rio de Janeiro. O anúncio traz a informação de que a Casa Garnier e Irmãos de Pariz irá publicar no Brasil uma edição de 5 000 exemplares de uma tradução espanhola de alguns contos de Poe. A notícia não afirma a data para o início das impressões e também não anuncia quais contos serão traduzidos, ou qual edição espanhola se trata. O segundo anúncio encontrado tem a data de 13 de março de 1891, no periódico *O Cearense*, da cidade de Fortaleza. Nele, é anunciado a obra *A Carta Roubada*, editada em Portugal pela Companhia Nacional Editora, em formato in-4º, vendida ao preço de 800 réis.

O terceiro e quarto anúncio encontrados são de uma mesma obra de Poe. O terceiro consta no periódico *Gazeta de Notícias*, datado do dia 04 de dezembro de 1903. A obra anunciada é *Novellas Extraordinárias* e juntamente com o título do livro segue-se uma crítica interessante:

Foi tal o sucesso litterario que produziram no mundo intelectual os contos do celebre romancista e poeta americano que em pouco tempo esgotaram-se 30 edições americanas, 16 inglesas e 23 francezas. Sua obra está traduzida em quasi todas as línguas cultas, sendo uma falta grave não haver ainda sido traduzida para o nosso idioma, senão

fragmentariamente. Scientes da necessidade de sua vulgarização entre nós, encarregamos de sua tradução a um homem de letras, bastante habilitado.<sup>19</sup>

Essa crítica faz referência a edições internacionais da obra, como francesas, americanas e inglesas. Pelo número de edições, é possível afirmar que Poe circulou com relativa intensidade nas línguas citadas. Contudo, na mesma época, sua circulação no Brasil foi bem reduzida. A crítica faz referência também a um tradutor “bastante habilitado”, mas não traz o seu nome. No fim do anúncio, há o formato da obra (in-8º) e o preço de 3 000 réis. Vale ressaltar que a obra estava à venda e fora editada na casa H. Garnier Livreiro Editor, localizada na Rua do Ouvidor, 73, Rio de Janeiro.

O quarto e último anúncio também é da obra *Novellas Extraordinárias*, e da mesma edição do anúncio anterior. Foi encontrado no periódico *A Federação*, da cidade de Porto Alegre, na data de 17 de dezembro de 1914. Estava à venda na Livraria Universal pelo valor de 4 000 réis.

Após essas informações, é possível afirmar que, durante o período de 1865 a 1916, quatro anúncios de obras de Edgar Allan Poe foram encontrados em periódicos brasileiros, localizados nas cidades de Rio de Janeiro, Fortaleza e Porto Alegre. Esses dados localizados ao longo de 51 anos permitem afirmar que a presença de obras poeanas em anúncios foi pequena e reforçam as conclusões feitas ao analisar a presença dessas obras em livros, em folhetins e em catálogos de bibliotecas e livrarias: de que Edgar Allan Poe, durante o período estudado, teve uma baixa circulação de obras em solo brasileiro.

---

<sup>19</sup> *Gazeta de Notícias*, 04/12/1903, p.6.

## CAPÍTULO 2 – A RECEPÇÃO CRÍTICA DE EDGAR ALLAN POE (1865-1916)

Edgar Allan Poe é, hoje, um autor de indiscutível destaque na literatura mundial, sendo objeto de estudo em áreas diversas e leitura obrigatória em colégios e faculdades.<sup>20</sup> Entretanto, nem sempre foi assim. Este capítulo pretende abordar a recepção crítica do autor, com destaque, principalmente, para a recepção brasileira, em periódicos brasileiros datados de 1865 a 1916. O período destacado é o mesmo utilizado no capítulo anterior, que estudou a circulação de obras poeanas no Brasil.

Porém, antes de focarmos essa parte da pesquisa, é importante ressaltarmos a circulação de obras do autor nos Estados Unidos e na França. As impressões dos literatos norte-americanos e franceses influenciaram decisivamente na forma como Edgar Allan Poe foi considerado no cenário literário dos séculos XIX e XX, inclusive nas impressões dos próprios brasileiros.<sup>21</sup> Por essa razão, iniciaremos o capítulo ressaltando a circulação poeana nos Estados Unidos, local de nascimento do autor, e na França, país que apresentava uma posição de grande destaque no cenário literário internacional e que favoreceu a difusão mundial da obra de Poe, a partir da tradução de Baudelaire de alguns de seus textos ficcionais.

### 2.1 A Circulação Americana

Como citado na introdução desse trabalho, Poe iniciou sua carreira como escritor com a publicação de poesias. Suas primeiras três obras poéticas não tiveram grande consideração em sua terra e não foram capazes de atrair a atenção da crítica na época.<sup>22</sup> Contudo, com o início de seu trabalho no periódico *Southern Literary Messenger*, esse cenário se modificou. “Se os livros

---

<sup>20</sup> Como exemplos do interesse sobre a produção literária do autor, destacamos as seguintes obras: FISHER, Benjamin F. *The Cambridge Introduction to Edgar Allan Poe*. Nova York: Cambridge University Press. 2008; HAYES, Kevin J. *The Cambridge companion to Edgar Allan Poe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

<sup>21</sup> GONÇALVES, F. B. *Tradução, interpretação e recepção literária: manifestações de Edgar Allan Poe no Brasil*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006, p.90-91.

<sup>22</sup> PHILLOV, Renata. *Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire: Trajetórias e Maturidade Estética e Poética*. 2004. 140 f. Tese (Doutorado em Letras). Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2004, p.32-33.

de poesia falharam em atrair atenção, o surgimento das críticas literárias e dos contos de Poe no *Southern Literary Messenger*, durante os anos de 1835-1836, certamente obtiveram destaque.”<sup>23</sup>

Ao dar início ao seu trabalho no jornal, Poe publicou várias narrativas ficcionais curtas, além de uma série de textos críticos. Essas produções foram capazes de atrair a atenção do público e dos literatos. Seus contos policiais e humorísticos foram bem avaliados na época, e a publicação do romance *The Narrative of Arthur Gordon Pym of Nantucket* [As Aventuras de Arthur Gordon Pym] expandiu sua fama, possibilitando a publicação da obra na Inglaterra no mesmo ano de sua primeira edição nos Estados Unidos, em 1838.<sup>24</sup>

O auge de seu reconhecimento se deu em meados de Janeiro de 1845, com a publicação do poema *The Raven* [O Corvo], considerado um dos mais famosos do mundo. A publicação aconteceu no periódico *Evening Mirror*, local em que Poe trabalhava na época como redator. O poema ganhou grande notoriedade, impulsionando-o a escrever, no ano seguinte, o ensaio *The Philosophy of Composition* [A Filosofia da Composição] com o objetivo de comentar o processo de criação do poema.

Contudo, a partir desse momento, a reputação de Poe começou a decair. Durante anos, Poe construiu uma série de inimizades com autores e críticos da época, pois não receava reprovar textos que julgava sem qualidade. Um de seus maiores embates literários foi com o poeta americano Henry Wadsworth Longfellow, que segundo Poe, havia plagiado um de seus poemas. A querela atraiu a atenção dos literatos da época – chegando a receber o nome de “Longfellow War” - desgastando a imagem de Poe.

Outro episódio que intensificou a queda da valoração do trabalho do autor foi um segundo embate literário, dessa vez ocorrido com o editor e crítico Rufus Wilmot Griswold. Em 1842, Griswold editou a obra *The Poets and Poetry of America* [Poetas e Poesia da América] e Poe publicou uma crítica depreciativa desta. A partir de então, ambos estabeleceram discussões nos jornais e uma disputa surgiu, o que anos mais tarde influenciaria decisivamente no legado e na construção da imagem de Poe após a sua morte.

---

<sup>23</sup> “If the books of poetry failed to attract great notice, the appearance of Poe’s critical reviews and tales in the *Southern Literary Messenger* during 1835-1836 certainly won attention” (FISHER, Benjamin F. *The Cambridge Introduction to Edgar Allan Poe*. Nova York: Cambridge University Press. 2008, p.113)

<sup>24</sup> (*idem*, p.114)

Além desses episódios, os problemas pessoais do autor cooperaram para que sua imagem se obscurecesse ainda mais. Edgar Allan Poe era conhecido por seus excessos alcoólicos, e a morte de sua esposa Virginia, em 1847, cooperou no agravamento de seu quadro depressivo. Um periódico localizado na cidade de Nova Iorque, chamado *John-Donkey*, chegou a publicar uma série de paródias e sátiras de seus textos, explorando seus problemas pessoais.<sup>25</sup>

Após falecer em outubro de 1849, Poe teve parte de suas obras republicadas em uma edição chamada *The Works of the Late Edgar Allan Poe* [Escritos do tardio Edgar Allan Poe], composta por vários volumes. Essa edição ficou a cargo de Rufus Wilmot Griswold, o mesmo editor que brigara com o autor anos anteriores. Até hoje, este episódio é obscuro tanto para os biógrafos do autor quando para os críticos que se debruçam sobre a obra do autor. Não sabe ao certo a razão de Rufus ter ficado responsável pela republicação de suas obras. Apenas se sabe que fora o próprio Poe que pedira a Rufus que republicasse seus trabalhos caso morresse. Ao elaborar um texto de apresentação da obra, que seria acrescentado à edição e que posteriormente circulou no periódico *Graham's Magazine* em 10 de outubro de 1849, Griswold, que conhecia muito bem a vida do americano,

(...) desencadeou verdadeira campanha de desmoralização do homem e depreciação das obras a ele confiadas. Em um de seus primeiros ensaios críticos, Poe atacara os escritos de Griswold; o reverendo revidava, agora, conquistando sua reputação literária à medida que caluniava o morto. Na introdução ao terceiro volume das obras completas de Poe, Griswold descreve o autor como um bêbado mórbido, depravado e viciado em drogas. Na sequência do mesmo texto e em outros textos semelhantes, o editor forja cartas, altera documentos e inventa memórias pessoais. As notas de Griswold sucederam em criar uma aura negativa em torno à obra de Poe, dificultando sua apreciação imparcial por parte da crítica americana contemporânea.<sup>26</sup>

Ao republicar as obras de Poe, Griswold possivelmente buscou aproveitar o episódio da morte do autor para vender suas obras. Ao difamá-lo, ressaltando os aspectos negativos de sua vida, talvez desejasse chamar a atenção dos leitores. Segundo Fisher, com a circulação do texto depreciativo

---

<sup>25</sup> (*idem, ibidem*)

<sup>26</sup> NESTROVSKY, Arthur R. *Debussy e Poe*. São Paulo: L&PM Editores S.A. 1986, p.19

de Griswold, “a reputação de Poe foi difamada, e uma nuvem obscureceu sua memória por quase um século”.<sup>27</sup>

Apesar de ter chamado a atenção do público e da crítica com a publicação de narrativas ficcionais, no fim de sua vida e principalmente após sua morte, a imagem de Poe sofreu com as críticas elaboradas por adversários que souberam difamar a vida do autor. Tais comentários fizeram com que a leitura da obra de Poe fosse acompanhada de uma carga de negatividade, associada à má reputação do escritor, principalmente nos Estados Unidos, enquanto, em outros locais do planeta, aumentava a admiração por seus trabalhos.

## 2.2 A Circulação Francesa

Desde as suas primeiras aparições na França, Edgar Allan Poe foi reconhecido como um grande escritor, principalmente por expoentes da literatura francesa, como os poetas Charles Baudelaire, Stéphane Mallarmé e Paul Valéry. Isso evidencia como a recepção francesa difere da norte-americana, conforme apontado por Jonathan Culler: “Em nenhum outro local do mundo das letras, até onde sei, um autor foi tão desprezado pelos literatos de seu próprio país, e tão celebrado pelas melhores mentes de uma outra cultura e língua.”<sup>28</sup>

Lois Davis Vines, autor do texto *Poe in France* [Poe na França], ao resumir a importância do escritor, comenta que “a influência de Poe na França foi extensa e profunda (...) Poe teve um papel decisivo no desenvolvimento do Simbolismo, do conto, do romance científico, e da literatura de detetive na França.”<sup>29</sup>

A primeira aparição de obras ficcionais do americano em solo francês ocorreu com a publicação do conto *Le Scarabée d’Or* [O Escaravelho de Ouro], no periódico *Revue*

---

<sup>27</sup> “Poe’s reputation was smirched, and a cloud shadowed his memory for almost a century.” FISHER, Op.cit. p.115)

<sup>28</sup> “ Nowhere else in world literature, so far as I know, has a writer been so scorned by the literati of his own language and so celebrated by the best minds of another culture and language.” CULLER, Jonathan. “Baudelaire and Poe.” In: *Poe’s Poetry*. Salem Press, 2010, p.61. Disponível em: <[http://www.jstor.org/discover/10.2307/40617398?sid=21105932391533&uid=2&uid=4#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/discover/10.2307/40617398?sid=21105932391533&uid=2&uid=4#page_scan_tab_contents)> Acesso em: 08 fev. 2015.

<sup>29</sup> “Poe’s influence in France has been extensive and profound (...) Poe played a major role in the development of Symbolism, the short story, the pseudoscientific novel, and the detective genre in France.” VINES, Lois Daves. “Poe in France.” In: *Poe abroad*. Iowa City: University of Iowa Press, 1999, p.09)

*Britannique*, em novembro de 1845, traduzido por Alphonse Borghers, pseudônimo do tradutor Amédée Pichot. Houve ainda a tradução de narrativas curtas de Poe feitas por Isabelle Meunier. Dentre tais narrativas, estão os contos *Le Scarabée d'Or* (segunda tradução) e *La Lettre Volé* [A Carta Roubada], publicadas na *Révue Britannique* em 1846. Meunier traduziu ainda alguns contos isolados que compunham o *Tales of the Grotesque and Arabesque* [Contos do Grotesco e do Arabesco], e os publicou no jornal socialista *Démocratie Pacifique* em 1847.<sup>30</sup> Charles Baudelaire entrou em contato pela primeira vez com a obra de Poe em janeiro de 1847, com a publicação do conto *Le Chat Noir* [O Gato Preto], traduzido por Meunier.<sup>31</sup>

A partir disso, Baudelaire tornou-se um grande leitor e tradutor da obra de Poe, sendo responsável pela organização, tradução e edição de três obras contendo contos do autor americano. No mais, Baudelaire exerceu um papel decisivo no processo de circulação e recepção do autor na França, e depois, em todo o mundo literário.

Decerto, Poe é dono de uma criatividade ímpar, mas o que levou sua fama ao mundo foi, antes de tudo, o reconhecimento do poeta francês, Baudelaire, que logo percebeu o potencial literário do escritor norte americano (...). Certamente os simbolistas franceses reconheceram Poe como mestre, todavia, foi Baudelaire o responsável pela divulgação de sua obra, pois foi a partir deste que o mundo veio a conhecer o talento do contista americano.<sup>32</sup>

Durante o período de 1848 a 1855, o escritor francês publicou uma série de traduções de contos de Poe em periódicos franceses, sendo a primeira tradução a do conto *Révelation Magnétique* [Revelação Mesmeriana], em 1848, no periódico *La Liberté de Penser*. Contudo, foi a partir da publicação da tradução francesa de 13 contos de Poe publicados originalmente na obra *Tales of the Grotesque and Arabesque* [Contos do Grotesco e do Arabesco], composta por 25 contos, que o escritor norte-americano teve sua obra disseminada no cenário literário ocidental (França, Europa e América Latina). Esta tradução feita por Baudelaire, com o título *Histoires Extraordinaires* [Histórias Extraordinárias], foi publicada em 1856. Nos dois anos seguintes, o francês publicou *Nouvelles Histoires Extraordinaires* [Novas Histórias Extraordinárias] (1857) e

---

<sup>30</sup> (*idem, ibidem*)

<sup>31</sup> (NESTROVSKI, Op.cit.)

<sup>32</sup> ALVES, Francisco Francimar de Sousa. *Poe: uma história de traduções, inspirações e popularidade*. Tradterm, [S.l.], v. 26, p. 147-159, dec. 2015, p.148.

*Aventures de Gordon Pym* (1858); em 1863, traduziu *Eureka*, e em 1865, lançou o terceiro livro de contos de Poe intitulado *Histoires Grottesques et Sérieuses* [Histórias Grotescas e Sérias].<sup>33</sup>

Logo, “foi através da tradução de Baudelaire que o mundo literário ocidental tomou conhecimento da novidade e do valor da mensagem do autor norte americano” (MENDES, 2001, p. 53), um “padrinho” francês que reconheceu o verdadeiro talento do seu “protegido” antes mesmo do seu próprio país, uma vez que, até então, sua obra se encontrava um tanto “periférica” nos Estados Unidos, sendo “considerado um escritor de segunda categoria, seguidor do movimento romântico: um sucessor dos chamados “romancistas góticos”, na prosa, e um imitador de Byron e Shelley, nos versos (SANTAELLA, 1987, p. 146)”.<sup>34</sup>

A admiração de Baudelaire pela obra de Poe pode ser percebida ainda mais claramente no texto *O Homem e a Obra*, em que o francês afirma que este era “profundamente penetrado por suas convicções (...) Poe é sempre correto (...) Como novelista e romancista, Edgar Poe é único no seu gênero, como Maturin, Balzac, Hoffman (...)”<sup>35</sup>

### **2.3 A Recepção Brasileira (1865-1916)**

Para a realização desse estudo levamos em consideração textos críticos encontrados em periódicos brasileiros durante o período de tempo compreendido entre 1865 e 1916. Esse período é o mesmo considerado no primeiro capítulo deste trabalho, que se dedicou a analisar a circulação de obras poeanas no Brasil. 1865 foi a data do primeiro catálogo de biblioteca considerado, e 1916 o ano de publicação da primeira edição brasileira da obra *As Aventuras de Arthur Gordon Pym*. A partir da análise desses textos é possível determinar com mais clareza aspectos da recepção da obra poeana no Brasil. Essas informações, somadas àquelas comentadas no capítulo anterior, que tratam da circulação dessas obras sobre diferentes aspectos, podem nos ajudar a determinar como a obra de Poe foi considerada no país.

O primeiro texto crítico que encontramos é datado de 24 de fevereiro de 1876, e foi publicado no jornal *O Globo*.<sup>36</sup> A crítica tem como título *A morte de Edgardo Poe*. No texto, o autor, que não se identifica, procurou apresentar informações sobre quem foi o americano,

---

<sup>33</sup> *idem*, p.149

<sup>34</sup> (*idem*, p.150)

<sup>35</sup> BAUDELAIRE, Charles. “O Homem e a Obra.” *In*: POE, Edgar Allan. *Ficção Completa, Poesia & Ensaios*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1965, p. 49.)

<sup>36</sup> Todas as críticas citadas neste capítulo podem ser lidas na íntegra em “Anexos”.

afirmando que era muito conhecido na França e na Inglaterra e, no entanto, pouco lido em sua terra natal. Tal autor deu informações sobre suas obras, apontando Poe como um grande contista. Na segunda metade do texto, há a reprodução do processo verbal da morte do americano, escrita pelo médico que o atendeu no hospital. Nesse documento, tem-se a recriação, até mesmo, das falas de Poe e do médico ocorridas durante o atendimento. Interessante notar também o processo de aportuguesamento que o nome do autor sofreu, passando de Edgar para “Edgardo”.

O segundo texto foi localizado no periódico *Gazeta de Notícias*, publicado no dia 24 de dezembro de 1886. Percebe-se, aqui, um salto de 10 anos entre a primeira e esta segunda publicação, cujo título era *Notas de Critica Litteraria – O Romantismo europeu*. O autor, que também não se identifica, atentou-se a comentar como se dá a presença da religião nas obras de alguns autores do romantismo, e comentou sobre a religião professada por eles. Poe foi citado como um autor não católico, pois tratou de temas que vão contra aos princípios ditados pela Igreja Católica.

O terceiro e quarto textos críticos foram publicados em 11 de agosto de 1889 e 05 de fevereiro de 1903, nos periódicos *Jornal do Recife* e *A República*, respectivamente. O terceiro texto, publicado na coluna *Quotidianas*, apontou Poe como um representante importante da literatura americana, ao lado de outros autores como Emerson, Longfellow e Bryant. Cita ainda que estes autores são os únicos que compõem o repertório literário norte-americano. O texto seguinte, com o título *Pega!!!*, fez uma breve análise de escritores internacionais. Poe foi incluído no estudo e apontado como um autor de dramas mortuários e assustadores, “que estrangulam de pavor e deslocam a mandíbula nos trêmulos rythmicos do medo (...)”.<sup>37</sup>

O quinto texto crítico que encontramos foi o primeiro a apresentar uma análise mais profunda sobre a obra poeana. Publicado no periódico *A Pacotilha*, em 06 de dezembro de 1904, o texto *Edgard Poe* iniciou-se apresentando informações biográficas sobre o autor, e deu atenção principalmente aos seus problemas pessoais, que fizeram, segundo o crítico, que também não se identifica, o imaginário popular considerá-lo como incapaz de escrever “sem estar tomado pelos efeitos do álcool”.<sup>38</sup> Poe foi indicado como um importante autor, e que as lendas sobre sua vida

---

<sup>37</sup> *A República*, 05/02/1903, p.04.

<sup>38</sup> *A Pacotilha*, 06/12/1904, p.03.

peçoal não podem ser consideradas verdadeiras. O texto procura, de uma forma geral, defender o autor diante das acusações imorais, desmitificando a imagem que tinha de ser um homem imoral.

As críticas de número seis e sete datam do mesmo ano de 1909. Foram publicadas em 31 de março e 04 de abril, nos periódicos *Jornal do Recife*, *O Paiz* e *Correio Paulistano*, respectivamente. A sexta crítica, de título *O Engenho de Edgar Poe*, focalizou as dificuldades que o autor sofreu no início de sua carreira, com a publicação de seus primeiros livros de poesia, até sua chegada na França por intermédio de Baudelaire. O texto o considera como um autor autobiográfico, já que ele teria se baseado em vários episódios de sua vida para criar suas narrativas ficcionais. O sétimo texto, *O que se pensa e o que se escreve: Edgar Poe*, retomou opiniões de literatos importantes da época sobre a obra do autor. Logo no início, o texto faz referência aos desafetos ocorridos com Poe em seu país.

Já lá vão cem annos e, apesar desse tempo largo, tão largo que, em geral basta para o esquecimento, os ódios e os rancores, os entusiasmos e as admirações que essa bizarra figura inspirou, estão ainda por apagar. Edgar Allan Poe continua a ser, para uns, um genio maravilhoso; para outros, um agitador vulgar.<sup>39</sup>

A crítica deixa claro que a opinião dos críticos sobre o autor é dividida, já que alguns consideram-no um autor importante, já outros, um homem imoral. De forma geral, o texto conclui que Poe foi um autor relevante para o cenário internacional. Ao fim, cita que a vida pessoal de Poe é irrelevante diante da grandiosidade de sua produção literária, já que “o que sobrevive é o autor de *O Corvo*, que ninguém quer saber si foi um miserável ou um justo...”<sup>40</sup> Vale ressaltar que esta crítica, em especial, reafirma a forma como se deu a circulação e a recepção norte-americana da obra de Poe, destacando os desafetos e dificuldades sofridas pelo autor.

A oitava crítica encontrada data de 01 de março de 1910, publicada no periódico *Jornal do Recife*, intitulada *Machado de Assis e Edgar Poe*, e escrita por A. Bandeira de Mello. O texto abordou a relação entre os dois autores e como se deu a influência do americano sobre Machado. Este comentou também a tradução bem sucedida do poema *O Corvo*, publicada pelo

---

<sup>39</sup> *O Paiz*, 04/04/1909, p.02.

<sup>40</sup> *Idem, ibidem.*

autor brasileiro em 1883, marcando a chegada de Poe ao Brasil. A crítica reafirma semelhanças entre os dois autores, já que ambos possuíam afinidades intelectuais e propensão à melancolia.

A crítica seguinte foi encontrada no periódico *Gazeta de Notícias*, datada de 19 de fevereiro de 1911, e assinada por Luis Murat. O texto focalizou as características obscuras e tenebrosas dos contos de Poe, que já que são cheios de terror e mistérios, são leituras propícias a serem feitas à noite. O periódico *O Paiz*, no dia 20 de setembro de 1912, publicou a décima primeira crítica encontrada. Inicialmente, o texto anunciou a publicação de uma biografia de Poe que seria lançada por uma editora francesa. Posteriormente, assim como algumas críticas anteriores, relacionou aspectos da vida pessoal do autor com suas obras.

Em 31 de maio de 1913, o periódico *Diário da Tarde* publicou a crítica *Sarças de Fogo*. O texto, assinado por Ribeiro Garcia, considerou Poe como “uma das mais potentes e assombrosas imaginações que hão, com genio e requintado bizarrismo, se derramado pelas páginas da literatura universal, fulgindo na imortalidade das concepções imortais.”<sup>41</sup>

O *Jornal do Recife*, em 09 de setembro de 1913, publicou a décima segunda crítica, com o título *A dor analysada*, assinada por Oliveira e Silva. O texto comentou a difícil tarefa do escritor em tentar descrever o sentimento da dor. Essa temática, segundo a crítica, é complexa, e pode variar entre diferentes escritores. Edgar Poe foi citado como um dos grandes autores que se dedicaram a analisar a realidade da dor e de sua influência sobre a vida humana.

Ainda em 1913, o periódico *Gazeta de Notícias* publicou, em 17 de outubro, a décima terceira e última crítica encontrada, intitulada *Notas Americanas*, assinada por J. C. Rodrigues. A crítica, bem extensa, comentou a importância de autores como Oscar Wilde e Longfellow, e posicionou Edgar Allan Poe em um mesmo patamar que estes. Contudo, Rodrigues afirmou que “nenhum d’estes dous, (...) há de deixar nome tão duradouro como Edgar Poe, o infeliz ébrio de Baltimore, a quem agora procuram elevar o estatus.”<sup>42</sup>

Após essa breve descrição acerca das críticas literárias encontradas em periódicos brasileiros entre 1865 e 1916, podemos afirmar que foram localizados 13 textos críticos sobre Edgar Allan Poe publicados em oito periódicos diferentes, sendo eles: *O Globo*, *Gazeta de*

---

<sup>41</sup> *Diário da Tarde*, 31/05/1913, p. 1.

<sup>42</sup> *Gazeta de Notícias*, 17/10/1913, p. 3.

*Notícias, Jornal do Recife, A República, A Pacotilha, O Paiz, Correio Paulistano e Diário da Tarde.* Tais jornais circulavam nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Maranhão, Pernambuco e Paraná.

Observamos que a recepção crítica do autor foi majoritariamente positiva, apesar da grande repercussão de acontecimentos pessoais negativos da vida de Poe, como sua embriaguez e morte prematura, ocorrida sob condições ainda obscuras. Percebeu-se também um costume na estrutura dos textos de trazer, no início, dados biográficos do autor, para somente depois comentar sua produção. Esta prática reafirma a curiosidade que os letrados e o público tinham sobre aspectos da vida pessoal do autor.

Nos 51 anos analisados, apenas 13 textos críticos foram encontrados. Logo, também é possível dizer que a análise das obras do americano teve uma baixa concentração, tendo uma média de aproximadamente um texto publicado a cada quatro anos. Ao levarmos em conta os locais de circulação dos periódicos, os textos críticos estiveram presentes principalmente nas regiões Sudeste e Nordeste do país.

### CAPÍTULO 3 – ALUSÕES AO NOME DE EDGAR ALLAN POE EM PERIÓDICOS BRASILEIROS (1865 – 1916)

Durante a realização da pesquisa em periódicos que circularam no Brasil ao longo dos séculos XIX e XX em busca de informações acerca de Edgar Allan Poe, deparamo-nos com uma quantidade significativa de textos que referiram seu nome e que, ao mesmo tempo, não eram críticas literárias e nem diziam respeito a publicações de sua autoria. Esses textos possuíam um caráter informativo, trazendo elementos da vida do autor que, aparentemente, chamavam a atenção do público. Essa parte da pesquisa em periódicos utilizou-se do mesmo arco temporal considerado nos dois capítulos anteriores, delimitado entre os anos de 1865 e 1916.

O primeiro texto localizado é datado de 28 de abril de 1872, e foi publicado no periódico *O Novo Mundo*. Tratou-se de uma notícia acerca da instalação de um epitáfio sobre o túmulo de Edgar Allan Poe, que se encontrava na cidade de Baltimore. Cerca de dez anos depois, encontramos um segundo texto que fazia alusão ao nome do autor publicado no periódico *Diário do Brasil*, em 13 de outubro de 1883. Este consistia de uma breve notícia de que a casa em que o autor cresceu teria se tornado, naquele ano, um hotel. O terceiro texto encontrado foi somente a publicação do seguinte pensamento supostamente escrito por Poe: “Atacar um homem de talento ainda é para os tolos, o melhor meio de chegar a celebridade. Nunca o escorpião se teria transformado em constelação, si não houvesse mordido Hercules no calcanhar.”<sup>43</sup> Foi publicado em *A Província do Espírito Santo*, em 19 de junho de 1887.

No ano seguinte, o periódico *O Cearense*, em 21 de janeiro de 1888, trouxe a notícia de que foram encontradas duas cartas originais de Poe nos Estados Unidos, e que haviam sido leiloadas há alguns dias por altos valores. Quinze anos depois, no periódico *A Pacotilha*, em 04 de abril de 1903, uma notícia afirmou que outras duas cartas do autor também foram encontradas, e que o sucesso da venda dos documentos favorecia o aumento da popularidade de Poe em seu país.

A sexta menção ao nome do autor americano foi encontrada no periódico *Correio do Norte*, em fevereiro de 1906. O texto denominado *Um pantheon americano* traz a notícia de que a

---

<sup>43</sup> *A Província do Espírito Santo*, 19/06/1887, p.01.

Universidade de Nova Iorque havia elaborado uma seleção de principais escritores norte-americanos. O autor do texto, não identificado, comentou que essa seleção não incluiu nomes importantes, como Fenimore Cooper e Edgar Allan Poe. Para ele, a ausência desses nomes não se justificava, já que eram autores de grande expressão.<sup>44</sup> A menção seguinte foi encontrada em 28 de julho de 1907, no periódico *Correio Paulistano*. O texto *Como morreram os poetas* fez um panorama sobre como se deu a morte de vários escritores, dedicando boa parte de sua extensão com comentários sobre a morte trágica e misteriosa de Poe. Um aspecto muito destacado foi a dependência química que influenciou decisivamente na morte precoce do autor.

O texto seguinte, escrito pelo autor brasileiro Olavo Bilac e publicado em 19 de março de 1908 no periódico *Correio Paulistano*, trouxe a notícia de um caso de corrupção recentemente descoberto em um hospício da cidade de São Paulo. Ao explicar o caso, Bilac fez uma comparação com um dos contos de Poe que apresenta uma história parecida com aquela que estava ocorrendo, chamado *O Sistema do Doutor Alcatrão e do Professor Penna*, publicado originalmente em 1845. Segundo ele, no conto poeano, os pacientes de um hospício rebelaram-se contra o sistema e tomaram o poder do estabelecimento, expulsando médicos e enfermeiros.

Alguns meses depois, no jornal *A Pacotilha*, publicou-se uma história de folhetim intitulada *O Mistério do Quarto Amarelo*, de Gaston Leroux, na data de 07 de setembro de 1908. A história, em um determinado momento, trouxe o diálogo de duas personagens que discutiam possíveis soluções para a resolução de um crime que ocorrera. Ao meditar sobre o acontecimento, Thiago, um investigador de polícia, diz que

(...) este mystério é o mais surpreendente de quantos se me têm apresentado, mesmo no domínio da imaginação. No *Duplo Assassinato da rue Morgue*, Edgar Poe nada inventou de semelhante. O recinto do crime era bastante fechado para não permittir que um homem se evadisse, mas havia uma janella pela qual se poderia escapar o autor dos dous assassinatos, que era um orango-tango.<sup>45</sup>

É interessante notar que o nome de Poe e a sua obra são citados em meio a narrativa, como um elemento conhecido, tanto do autor Leroux, quanto dos seus leitores. Ao fim da fala de Thiago, há uma nota de rodapé que comenta a influência de Poe sobre Arthur Conan Doyle, escritor

---

<sup>44</sup> A informação de que Edgar Allan Poe não foi incluído no *pantheon americano* pela Universidade de Nova Iorque confirma as informações acerca da recepção negativa do autor em seu próprio país, tema já exposto no segundo capítulo deste trabalho.

<sup>45</sup> *A Pacotilha*, 07/09/1908, p.01.

britânico criador da personagem Sherlock Homes. Segundo a nota, em uma das obras de Doyle, existe

o mesmo gênero de mysterio, se assim me posso exprimir, numas das suas mais famosas novellas. Num quarto fechado, horroroso assassinato se praticou. Que foi feito do criminoso? Não tarda grande policial amador, Sherlock Homes, a descobri-lo (...)<sup>46</sup>

A influência dos trabalhos de Poe sobre Doyle é nítida quando comparamos as personagens Sherlock Holmes e C. Auguste Dupin. Esta última surge pela primeira vez na obra poeana justamente na obra *Duplo Assassinato da Rua Morgue*, citada no folhetim. Dupin, assim como Holmes, é um detetive amador de temperamento peculiar, que busca solucionar crimes a partir da observação e do uso intenso da razão.<sup>47</sup>

*A Gazeta de Notícias*, em 22 de abril de 1909, trouxe a décima menção encontrada, em um anúncio do lançamento do filme *O Poço e o Pêndulo*, baseado no conto de mesmo nome do autor americano.

Em 19 de setembro de 1910, o periódico *O Paiz* trouxe a décima primeira menção localizada. Tratou-se de uma notícia da chegada de uma companhia de teatro estrangeira ao Brasil, que tinha como “pai” e principal inspirador a figura de Edgar Allan Poe. *A Gazeta de Notícias*, em 13 de agosto de 1911, no texto *Ressurgimento do Belo*, comentou sobre a importância da presença de museus e teatros no cenário urbano. O autor da notícia, que não se identificou, fez um paralelo com o enredo de um dos contos de Poe, chamado *William Wilson*, publicado nos Estados Unidos em outubro de 1839, em que a personagem principal, um homem rico, usava sua fortuna na criação de parques, museus e jardins em sua cidade.

O jornal *A Província*, em 05 de setembro de 1911 trouxe um texto relatando exclusivamente o episódio da morte de Edgar Allan Poe. Além de ser citado como um “grande e fantástico autor”, o texto fez a tentativa de recriar os últimos momentos da vida do escritor, desde

---

<sup>46</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>47</sup> BELLIN, Greicy Pinto. *Edgar Allan Poe e o surgimento do conto enquanto gênero de ficção*. Anuário de Literatura (UFSC), v. 16, p. 41-53, 2011.

Segundo Teresa Rosado, Poe influenciou Agatha Christie a criar outro personagem também detetive, chamado Hercule Poirot. ROSADO, Teresa Manuela Vasques Fadista da Cruz. *Camilo e Eça: o apelo do horror*. 2004. 128 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Românicos). Departamento de Literaturas Românicas. Universidade de Lisboa. Lisboa. 2004.

o instante em que foi encontrado inconsciente em uma praça pública, até segundos antes de seu último suspiro, enquanto proferia suas últimas palavras com o médico.

O texto *Os Fumadores de Ópio*, publicado no *Correio Paulistano* em fevereiro de 1912, trouxe informações sobre como a prática de fumar ópio poderia causar sérios danos à saúde. Para exemplificar tais danos, uma série de personalidades são citadas como vítimas da substância. Dentre os nomes destacados está o de Poe. Por fim, a menção seguinte e última, encontrada no periódico *Jornal do Recife*, em 26 de setembro de 1913, no texto *A Casa do Corvo*, trouxe informações acerca da casa onde supostamente Poe teria vivido juntamente com sua esposa. O texto comentou sobre características da casa, e episódios da vida de Poe vivenciados naquele local, como a morte prematura de Virgínia, prima e esposa do autor.

Após essa breve descrição acerca das menções ao nome de Edgar Allan Poe encontradas em periódicos brasileiros entre 1865 e 1916, vimos que foram localizados 15 textos dessa natureza publicados em dez periódicos diferentes, sendo eles: *O Novo Mundo*, *Diário do Brasil*, *A Província do Espírito Santo*, *O Cearense*, *A Pacotilha*, *Correio do Norte*, *Correio Paulistano*, *A Gazeta de Notícias*, *A Província* e *Jornal do Recife*. Tais jornais circulavam nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Pernambuco, Ceará e Maranhão.

Dentre esses textos, seis deles tratam de aspectos relativos à vida pessoal de Poe, como informações sobre o local em que foi enterrado, características e condições da casa em que o autor morou durante parte de sua vida e circunstâncias que levaram a sua morte trágica. Esse assunto, em particular, parece chamar atenção de grande parte dos jornalistas e leitores, pois é recorrente a tentativa de reconstruir os momentos finais da vida de Poe, assim como definir quais fatores o levaram a morte, como o consumo em excesso de álcool e ópio.

É possível perceber também um costume dos textos da época de estabelecer relações entre enredos de narrativas ficcionais com episódios reais do dia a dia. Duas das menções fazem ligações entre acontecimentos da época com elementos presentes nos contos de Poe. O texto escrito por Olavo Bilac, publicado em 19 de março de 1908, no periódico *Correio Paulistano*, é um exemplo dessa questão, pois associa um episódio de corrupção na cidade de São Paulo com o enredo do conto *O Sistema do Doutor Alcatrão e do Professor Penna*.

Poe é mencionado também em narrativas ficcionais, como ocorreu em uma história de folhetim publicada em 07 de setembro de 1908, no periódico *A Pacotilha*, em que o conto *Duplo Assassinato da Rua Morgue* é comentado por duas personagens.

Estes dados, somados às informações descritas nos capítulos anteriores, mostram que a circulação de suas obras foi restrita e houve uma pequena quantidade de análises críticas em jornais, mas o autor norte-americano foi uma figura conhecida dos leitores do período, já que menções ao seu nome foram encontradas em uma quantidade significativa de textos. Mesmo havendo poucos livros de sua autoria disponíveis aos leitores brasileiros, Poe era conhecido do público e dos letrados da época.

Como, então, explicar a fama de um autor que, aparentemente, foi pouco lido?

### **3.1 - Autor celebridade**

Na obra *Authors Inc.: Literary Celebrity in the Modern United States*, Loren Glass apresenta o fenômeno chamado de *celebrity authorship* (autor celebridade). Segundo ele, esse fenômeno, ocorrido no intervalo de 1880 a 1980, define-se quando um determinado autor se torna mais conhecido do que suas próprias obras, ofuscando-as. Isto ocorre quando elementos pessoais de sua vida ou sua personalidade são exaltados ou criticados, chamando a atenção da crítica e do público leitor. Para exemplificar, Glass aponta como autores célebres Samuel Clemens, Norman Mailer e Edward Bok. Ernest Hemingway também é citado, pois sua imagem se relaciona com elementos que extrapolam o campo literário, por exemplo, a comercialização de produtos personalizados, como roupas e móveis.<sup>48</sup>

Esse processo de exaltação de personalidades evidencia a necessidade que a sociedade possui de definir imagens consideradas modelos. Essas imagens podem ser tanto de figuras moralmente corretas, exemplos de boa conduta, quanto imagens de modelos negativos, como ocorre com Poe, considerado um homem imoral, instável e dependente de álcool e drogas.

---

<sup>48</sup> GLASS, Loren. *Authors Inc.: Literary Celebrity in the Modern United States, 1880-1980*. New York and London:NYU Press, 2004.

Quando estas figuras se relacionam com dispositivos de consumo, como o caso de Hemingway, os autores, agora tidos como celebridades, participam ativamente da engrenagem social.<sup>49</sup> Além disso, o fenômeno *celebrity authorship*, que se manifesta no fim do século XIX e início do XX, atribui ao autor um status de indivíduo glamoroso dentro da esfera pública. “Embora, desde o século XV sejam adotadas estratégias de celebrificação de personagens, é no século XX que o processo de construção da celebridade na sociedade da informação se consolida.”<sup>50</sup>

A imagem pública de Poe, desde o momento de sua morte e ao longo dos anos seguintes, sofreu modificações. Como abordado no segundo capítulo, o editor e crítico Rufus Griswold, conhecido por ter sido o principal responsável na construção de um Poe desregrado, publicou no periódico *Graham's Magazine* em 10 de outubro de 1849 um texto difamatório ao autor, e que depois, foi publicado na reedição de seus textos na obra *The Works of the Late Edgar Allan Poe*, de 1850. Como afirma o professor do Departamento de Literatura Inglesa da Universidade do Texas, Kyle Edwards,

Ao descrever Poe como um homem frequentemente distraído, vagamente imoral, cheio de tristeza e “uma estrela brilhante, mas errática” no campo literário norte-americano, Griswold criou um personagem intrigante, que facilmente se associou à ideia de autoria introduzida e ativamente promovida na Era Romântica por William Wordsworth, Samuel Coleridge, Lord Byron e Percy Shelley.<sup>51</sup>

O texto difamatório de Griswold começou a influenciar o surgimento de outros textos de igual natureza, favorecendo a expansão da fama de Poe nos Estados Unidos.

Ainda que esses ensaios biográficos aparecessem comumente em revistas literárias como *Beadle's Monthly*, *Graham's Magazine* e *Harper's New*

---

<sup>49</sup> BARROS, C. *Industrialização da celebridade*. Galaxia (São Paulo, Online), n. 26, p. 266-269, dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/gal/v13n26/v13n26a23.pdf> Acesso em: 02 out. 2016.

<sup>50</sup> MEDEIROS, A. L. *Tipologia de celebridades: em busca do conceito, desde o século XV aos dias atuais*. Disponível em: <http://unb.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/234/184.pdf> Acesso em: 02 out. 2016. p 08.

<sup>51</sup> “By describing Poe as frequently distracted, vaguely immoral, filled with indefatigable sorrow, and a ‘brilliant but erratic star’ of the American literary field, Griswold had fashioned an intriguing character, one that easily merged with the version of literary authorship introduced and actively fostered in the Romantic Era by William Wordsworth, Samuel Coleridge, Lord Byron, and Percy Shelley.” (p.119) Edwards, K. D. (2010) *Poe, you are avenged!: Edgar Allan Poe and universal pictures' the Raven (1935)*. Adaptation, 4(2), p. 117-136. Disponível em: [http://www.academia.edu/2127566/Poe\\_You\\_Are\\_Avenged\\_Edgar\\_Allan\\_Poe\\_and\\_Universal\\_Pictures\\_The\\_Raven\\_1935\\_](http://www.academia.edu/2127566/Poe_You_Are_Avenged_Edgar_Allan_Poe_and_Universal_Pictures_The_Raven_1935_) Acesso em: 04 out. 2016.

*Monthly*, eram, mais frequentemente, anexados às obras de poesia e contos de Poe como “biografias” introdutórias. Em seguida, o arranjo textual dessas coleções e as biografias propriamente ditas fizeram ruir a distinção entre biografia e literatura, ficção e realidade, o Poe público e o Poe privado.<sup>52</sup>

Estudos lançados décadas após sua morte, como *Poe at West Point*, de Thomas W. Bibson, publicado em 1867, e *Some News Facts about Edgar A. Poe*, de William Fearing Gill, de 1876, revelam essa preocupação em descobrir informações cada vez mais pessoais e reveladoras a respeito da vida do autor. Esses textos se debruçaram sobre os estudos de Poe em West Point, e sua vida amorosa, respectivamente.

Ocorreu, então, uma mudança no processo de reconhecimento de Edgar Allan Poe, pois, no momento de sua morte, ele era considerado um autor desacreditado e fracassado, que sucumbira diante de seus vícios. Porém, com o passar das décadas, elementos pessoais de sua vida e de sua personalidade passaram a ser exaltados, cooperando para um maior reconhecimento de seu trabalho literário. É possível afirmar que a valorização de seus escritos e o estudo de elementos de sua vida pessoal foram duas realidades que se influenciaram mutuamente, elevando Poe ao status de autor célebre. Ainda segundo Edwards:

Essa súbita modificação no conteúdo e na função das discussões sobre Poe significa uma importante mudança em sua imagem e no discurso sobre ele: Poe tinha se tornado uma celebridade literária.

(...)

Como resultado, Edgar Allan Poe tornou-se um ícone que representava uma série de contradições – um modelo de escritor americano e uma celebridade da cultura pop; um autor popular de histórias de fantasmas e escritor de sofisticada ficção em poesia e prosa; um contador de histórias benigno e um psicopata vingativo e perigoso - que só serviram para aumentar o fascínio sobre o autor e a amplitude de seu discurso.<sup>53</sup>

---

<sup>52</sup> “While these biographical essays occasionally appeared in literary magazines like *Beadle’s Monthly*, *Graham’s Magazine*, and *Harper’s New Monthly*, more often they were appended to collections of Poe’s poetry or short fiction as introductory ‘memoirs’. The textual arrangement of these collections and full-scale biographies further collapsed the distinction between biography and literature, fiction and reality, and the public and private Poe” (*Idem*, p.121 )

<sup>53</sup> “This subtle modification in the content and function of discussion about Poe signifies an important shift in the author’s image and the Poe discourse: he had become a literary celebrity (...)As a result, Edgar Allan Poe became an icon that represented a series of contradictions—both an American literary paragon and a popculture celebrity, an author of popular sensationalist ghost stories and sophisticated short fiction and poetry, a benign storyteller and a

Como vimos acima, Poe não foi celebridade apenas nos Estados Unidos, pois os textos recolhidos nos periódicos mostram que a atenção sobre aspectos pessoais da vida do autor chamou a atenção dos brasileiros a partir da década de 1870.

É sabido que os homens de letras brasileiros do período tinham acesso a periódicos de diversos países do mundo. Eles liam e, muitas vezes, republicavam textos e conteúdos semelhantes àqueles encontrados em jornais estrangeiros. Sendo assim, é possível que tenham tomado conhecimento das notícias e opiniões a respeito da vida de Edgar Allan Poe publicadas nos Estados Unidos e na Europa e tenham julgado interessante difundi-las no Brasil. Importante ressaltar que não somente notícias a respeito da vida do autor foram publicadas; outros textos, como citação de seu nome em folhetim, publicação de frase supostamente dita por ele e artigos científicos sobre uso de drogas, por exemplo, mostram que a celebridade do nome de Edgar Allan Poe atingia a publicação de textos diversos.

---

vindictive, dangerous psychopath—that only served to increase the allure of Poe and the breadth of the Poe discourse.” (*Idem, ibidem* )

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a circulação e a recepção de um escritor significa analisar sob quais formas ele esteve presente em uma dada região e período, e também, observar como foi considerado diante do público leitor e da crítica literária. Este trabalho analisou como ocorreu a circulação das narrativas ficcionais do autor norte-americano Edgar Allan Poe no Brasil, como também a recepção que obteve diante de seu público leitor e dos homens de letras oitocentistas durante o período de 1865 a 1916.

Foram localizadas nove publicações de obras do autor em formato de livro escritas em português no período, sendo somente uma delas editada no Brasil. Ao observarmos os periódicos que circularam no país, foram encontradas 12 publicações de contos de Poe, publicados em sete jornais diferentes. Em catálogos de bibliotecas e de livreiros-editores, 12 obras foram localizadas, sete delas escritas em francês, duas em inglês, uma em alemão e somente duas em português. Já a respeito de anúncios de livros em periódicos, apenas quatro foram encontrados ao longo do arco temporal de 51 anos.

Esses dados permitem afirmar que foi pequena a presença de obras poeanas no Brasil, tanto em publicações realizadas em formato de livro quanto publicadas em periódicos. Além disso, as edições encontradas escritas em línguas estrangeiras demonstram a existência de um público leitor multilíngue no país.

A respeito da recepção do autor no Brasil, durante o mesmo intervalo de tempo, 13 textos críticos foram encontrados em periódicos nacionais. Observamos que a recepção crítica do autor foi majoritariamente positiva, apesar da repercussão de elementos pessoais negativos de sua vida, que, ao fim, funcionaram como atrativos que aguçaram a curiosidade do público. Por outro lado, a concentração de análises críticas das obras do americano foi baixa, havendo uma média aproximada de um texto publicado a cada quatro anos.

Mesmo existindo poucos livros disponíveis para o público e poucos textos de análise sobre o trabalho do autor, o número de menções ao nome de Edgar Allan Poe encontrado nos mesmos periódicos analisados revelam que ele era uma figura conhecida dos brasileiros. 15 textos dessa natureza foram localizados no mesmo período, publicados em dez jornais diferentes.

Seus conteúdos eram variados; tratavam desde descrições sobre momentos importantes da vida do autor, comentando demasiadamente sobre as condições de sua morte, até citações de obras de sua autoria em narrativas ficcionais publicadas em formato de folhetim. Esses dados revelam que, mesmo Poe não tendo sido muito lido, sua imagem era conhecida dos leitores e dos letrados da época.

Como justificativa para esse acontecimento, aplicamos ao autor norte-americano o conceito de autor-celebridade, que se baseia na capacidade de um escritor em se tornar mais conhecido do que suas próprias obras, não dependendo mais delas para expandir sua fama. Isto se dá, principalmente, quando aspectos pessoais do autor chamam a atenção, como é o caso de Edgar Allan Poe.

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, Márcia. “A circulação de romances como problema para a história literária”. In: *Escola São Paulo de Estudos Avançados*, 2012, Campinas. Anais... Campinas, Unicamp, 2012.

ABREU, Márcia. “A Circulação Transatlântica dos Impressos: a Globalização da Cultura no Século XIX”. In: *Livro - revista do núcleo de estudos do livro e da edição*. Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes - Universidade de São Paulo. 2011, pp. 115-130. Disponível em: <<http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/arquivos/ensaio.pdf>> Acesso em: 19 ago. 2015.

ALVES, Francisco Francimar de Sousa. *Poe: uma história de traduções, inspirações e popularidade*. Tradterm, [S.l.], v. 26, p. 147-159, dec. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/113340/111296>>. Acesso em: 11 set. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v26i0p147-159>.

ARAÚJO, R. *Edgar Allan Poe: um homem em sua sombra*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

BAUDELAIRE, Charles. “O Homem e a Obra”. In: POE, Edgar Allan. *Ficção Completa, Poesia & Ensaio*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1965.

BELLIN, Greicy Pinto. *Modernidade, Identidade e Metrópole Cosmopolita em Poe, Baudelaire e Machado de Assis*. 2015. 417 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2015.

BELLIN, Greicy Pinto. *Edgar Allan Poe, Charles Baudelaire e a Maldição da Modernidade*. Revista Estação Literária, v. 12, p. 33-51, 2014.

BELLIN, Greicy Pinto. *Edgar Allan Poe e o surgimento do conto enquanto gênero de ficção*. Anuário de Literatura (UFSC), v. 16, p. 41-53, 2011.

BOTTMANN, Denise. *Alguns aspectos da presença de Edgar Allan Poe no Brasil*. Tradução em Revista (Online), v. 8, p. 01-19, 2010. Disponível em: <<http://zip.net/brs9X0>> Acesso em 06 dez. 2015.

- CARLSON, Eric W. *A Companion to Poe Studies*. Westport, Conn: Greenwood Press, 1996.
- CAVENDISH, Sueli. “Edgar Allan Poe versus Crítica: Reflexividade e Efeito Poético.” *In: II Encontro de Ciência da Literatura da UFRJ*, 2003, Rio de Janeiro. Anais do II Encontro de Ciência da Literatura da UFRJ. Rio de Janeiro: Faperj/UFRJ, 2003.
- CULLER, Jonathan. “Baudelaire and Poe”. *In: Poe’s Poetry*. Salem Press, 2010. Disponível em: <[http://www.jstor.org/discover/10.2307/40617398?sid=21105932391533&uid=2&uid=4#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/discover/10.2307/40617398?sid=21105932391533&uid=2&uid=4#page_scan_tab_contents)> Acesso em: 08 fev. 2015.
- DAGHLIAN, Carlos. *A recepção de Poe na literatura brasileira*. Fragmentos (Florianópolis), Florianópolis - SC, n.17, p. 7-14, 2001.
- DAGHLIAN, Carlos. “Poe in Brazil”. *In: VINES, Lois. Poe Abroad: Influence, Reputation, Affinities*. Iowa City: University of Iowa Press, 1999.
- DAGHLIAN, Carlos. *Bibliografia e Selected Bibliography*. Fragmentos (Florianópolis), Florianópolis - SC, n.17, p. 95-109, 1999.
- ECO, Umberto; SEBEOK, Thomas Albert (org.). *O signo de três: Dupin, Holmes, Peirce*. São Paulo, SP: Perspectiva, c1991
- FISHER, Benjamin F. *The Cambridge Introduction to Edgar Allan Poe*. Nova York: Cambridge University Press, 2008.
- GABRIELE, Beatriz. *A presença de romances no jornal francês La Presse (1836-1850)*. Monografia. Campinas, SP: Unicamp, 2015.
- GOMES, Álvaro Cardoso. *A santidade do alquimista: ensaios sobre Poe e Baudelaire*. São Paulo: Unimarco, 1997.
- GONÇALVES, F. B. *Tradução, interpretação e recepção literária: manifestações de Edgar Allan Poe no Brasil*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.
- MENDES, O. “Influência de Poe no estrangeiro”. *In: POE, Edgar Allan. Ficção Completa, Poesia & Ensaios*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1965.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- MOREIRA, Maria E. Rodrigues. *Leituras de Poe: sua obra na Voz de Escritores*. Anais... Belo Horizonte: UFMG, p.216-221, 2009.
- NESTROVSKY, Arthur R. *Debussy e Poe*. São Paulo: L&PM Editores S.A, 1986.
- PALEOLOGO, Constantino. *Machado, Poe e Dostoievski*. Rio de Janeiro, RJ: Revista Branca, 1950.
- PHILIPPOV, Renata. *Edgar Allan Poe and Machado de Assis. How did Machado Read Poe?* The Comparatist 35, p. 221-226. The University of North Carolina Press, 2011.
- PHILIPPOV, Renata. *Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire: Trajetórias e Maturidade Estética e Poética*. 2004. 140 f. Tese (Doutorado em Letras). Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.
- POE, Edgar Allan. *Ficção Completa, Poesia & Ensaios*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1965.
- POE, Edgar Allan. *Gigantes da Literatura Universal. Edgar Poe*. Editorial Verbo, 1972.
- POE, Edgar Allan. *Essential Tales and Poems*. Signature Editions, 2012.
- POE, Edgar Allan. *Contos de terror, de misterio e de morte*. 7. ed. São Paulo, SP: Nova Fronteira, 1981.
- RIBEIRO, José Alcides. *Imprensa e Ficção no século XIX: Edgar Allan Poe e A Narrativa de Arthur Gordon Pym*. São Paulo: Editora Unesp, 1996.
- ROSADO, Teresa Manuela Vasques Fadista da Cruz. *Camilo e Eça: o apelo do horror*. 2004. 128 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Românicos). Departamento de Literaturas Românicas. Universidade de Lisboa. Lisboa. 2004.
- SANTAELLA, Lucia. “Estudo Crítico: Edgar Allan Poe (O que em mim sonhou está pensando)”. In: POE, Edgar Allan. *Contos de Edgar Allan Poe*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- THOMAS, Dwight. *The Poe log: a documentary life of Edgar Allan Poe, 1809-1949*. Boston: G. K. Hall, 1987.

VINES, Lois. *Poe Abroad: Influence, Reputation, Affinities*. Iowa City: University of Iowa Press, 1999.

## SITES CONSULTADOS

Gallica (<http://www.gallica.bnf.fr>)

Hemeroteca Digital (<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>)

Wikipedia (<http://en.wikipedia.org>; <http://fr.wikipedia.org>)

Internet Archive (<http://archive.org>)

Google Books (<http://books.google.com>)

World Catalog (<http://www.worldcat.org>)

Banco de dados do Projeto “A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX” (<http://www.iel.unicamp.br/projetos/circulacao/login.php>)

Poe Stories (<http://poestories.com/stories.php>)

Edgar Allan Poe Society of Baltimore (<http://www.eapoe.org/>)

Poe Museum (<https://www.poemuseum.org/life.php>)

Literatura Fundamental 48 - Histórias Extraordinárias - Renata Philippov  
(<https://www.youtube.com/watch?v=3LjkAvaczf8>)

## ANEXOS

### **Cronologia das Obras de Edgar Allan Poe em português publicadas em formato livro (1865 – 1916)**

POE, Edgar Allan. SARDOU, Victorien. *Alexandrina*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1876.

POE, Edgar Allan. BOULABERT, Jules. *O gato preto e No tempo do terror*. Lisboa: Escriptorio da Empreza, 1884.

POE, Edgar Allan. *O Escaravelho de ouro e outros*. Lisboa: Companhia Nacional, 1889.

POE, Edgar Allan. *Rei Peste e outros*. Lisboa: Companhia Nacional, 1890.

POE, Edgar Allan. *A Entrevista*. Coimbra: Typ. de M. Reis Gomes, 1900.

POE, Edgar Allan. *Novellas Extraordinárias*. Rio de Janeiro: H. Garnier Livreiro-Editor, 1903.

POE, Edgar Allan. BALZAC, Honoré de. *A Carta Roubada e A Menina dos Olhos de Ouro*. Coimbra: A Editora, 1906

POE, Edgar Allan. *O Rei Peste*. Lisboa: A Editora, 1908.

POE, Edgar Allan. *As Aventuras de Arthur Gordon Pym*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1916.

### **Cronologia das Obras de Edgar Allan Poe publicadas em Periódicos Brasileiros. (1865 – 1916)**

*O Mequetrefe* – 20 de abril de 1885. *O Corvo*.

*Diário do Brazil* – 27 de agosto de 1885. *Sombras*.

*A Pacotilha* – 12 de abril de 1886. *Sombras*.

*Diário de Pernambuco* – 15 de abril de 1888. *O Poço e o Pêndulo*.

*A Pacotilha* – 02 a 05 de maio de 1888. *O Poço e o Pêndulo*.

*Constituição* – 25 de julho a 06 de agosto. *O Poço e o Pêndulo*.

*Gazeta da Tarde* – 01 de abril de 1890. *Gato Preto*.

*Gazeta da Tarde* – 14 de abril de 1890. *O Homem das Multidões*.

*Gazeta da Tarde* – 24 de abril de 1890. *O Coração Revelador*.

*Diário do Maranhão* – 01, 02 e 04 de maio de 1890. *O Gato Preto*.

*Correio Paulistano* – 02 de julho de 1906. *A Carta Roubada*.

*A Pacotilha* – 18 de novembro de 1906. *A Máscara da Morte Vermelha*.

*Diário do Maranhão* – 26 de janeiro de 1910. *O Coração Revelador*.

### **Cronologia das Obras de Edgar Allan Poe em catálogos de bibliotecas**

#### Catálogo do Real Gabinete Português de Leitura (1868)

POE, Edgar Allan. *Aventures d'Arthur Gordon Pym*. Paris: Nouvelle edition, 1862.

POE, Edgar Allan. *Aventures d'Arthur Gordon Pym*. Paris: Nouvelle edition, 1868.

#### Catálogo on-line do Real Gabinete Português de Leitura

POE, Edgar Allan. *Histoires extraordinaires*. Paris: Nouvelle edition, 1867.

POE, Edgar Allan. *Nouvelles histoires extraordinaires*. Paris: Nouvelle edition, 1868.

POE, Edgar Allan. *Nouvelles histoires extraordinaires*. Paris: Nouvelle edition, 1869.

POE, Edgar Allan. *Poems and Essays*. Leipzig: Bernhard Tauchnitz, 1884.

POE, Edgar Allan. *Tales*. Leipzig: Bernhard Tauchnitz, 1884.

POE, Edgar Allan. *Nouvelles histoires extraordinaires*. Paris: Nouvelle edition, 1897.

#### Catálogo da Biblioteca da Associação dos Empregados no Commercio de Porto Alegre (1909)

POE, Edgar Allan. *Seltsame Geschichten*. Stuttgart: W. Spemann, 1881.

POE, Edgar Allan. *Seltsame Geschichten*. Leipzig: Reclam. 1900.

Catálogo da Biblioteca do Club Litterário “19 de Novembro” (1910)

POE, Edgar Allan. *O Rei Peste*. Lisboa: Companhia Nacional, 1890.

POE, Edgar Allan. *Nouvelles histoires extraordinaires*.

Catálogo II da Livraria de B. L. Garnier (1870)

POE, Edgar Allan. *Cousas extraordinarias: O escaravelho de oiro, A febre dos diamantes, Amor nas trevas, Ingлезes e Chinezes, por Poe, Hoffmann, Scribe, Méry*.

## **CRÍTICAS LITERÁRIAS ENCONTRADAS EM PERIÓDICOS BRASILEIROS**

### **Crítica 1**

O Globo - 24 de fevereiro de 1876.

#### **A morte de Edgardo Poe – Um interessante documento inédito**

Edgardo Poe, o novelista americano, tão popular na Inglaterra e França, é entretanto mui pouco conhecido em seu país natal. Quem acreditará, por exemplo, que vinte e seus annos se não transcorrido, sem que uma cruz ou uma pedra indique de modo positivo o lugar onde repousa o seu corpo?

Finalmente, a 28 de Outubro passado, o povo americano pagou o seu justo tributo a memoria de seu maior poeta e mais romântico dos escriptores. Já, pela primeira vez, ha alguns mezes, uma pedra destinada a cobrir a sepultura do grande homem, tinha sido reduzida a pó em um accidente do ferro-carril, e a empresa parecia ter-se esquecido, quando uma commissão de professores de Philadelphia, tendo á sua frente Mr. Childs, periodista, deu novo impulso á subscrição que foi aberta para erecção de um tumulo a Poe.

Nos Estados-Unidos, ainda poucas pessoas não sabiam dos últimos momentos de Edgardo Poe; julga-se geralmente pelo que um biographo desse autor contára, que Poe tinha

morrido em consequencia de seus inimigos politicos terem lhe feito beber enorme quantidade de aguardente.

A inauguração do monumento no cemiterio de Baltimore, fez exhumar uma peça muito curiosa, o processo verbal do medico do “Washington Hospital” que assistio ao poeta em seus últimos momentos.

Eis a traducção do documento que transcrevemos do New-York Herald:

*Processo verbal da morte de Edgardo Poe, por J. J. Morau, MD.*

Edgardo A. Poe foi levado ao “Washington Hospital” em um carro a 7 de Outubro de 1849.

Acharam-o estendido em um banco situado defronte de uma casa de negocio da esquina de Hight Street.

Estava elle em completo estado de estupor, causado, quer pelo álcool, quer pela absorpção de um narcótico (opio), o que não se póde dizer ao certo.

Um homem que passava, vendo muitas pessoas reunidas ao redor de um individuo que jazia estendido, approximou-se e reconheceu o poeta. Isto aconteceu ao raiar do dia.

Um agente de policia mandou chamar um carro e fel-o conduzir a este hospital, do qual sou diretor.

Teve lugar a sua entrada ás 10 horas da manhã.

Edgardo Poe foi para um quarto particular, onde, despido, foi examinado minuciosamente; eu nenhuma noção anterior tinha de seus hábitos, vida e nem posição pecuniaria.

Nem a sua roupa nem a sua respiração exhalavam cheiro algum alcoolico. Não tinha delírio, nem agitação. A cútis estava lívida, apenas alguns roncões se exhalavam da garganta. Parecia estar dormindo.

O seu estado era febril: Applicaram-se-lhe pannos embebidos em agua morna, sinapismos nos pés, nas côxas e no ventre, e gelo na cabeça.

Mandei correr as cortinas das janellas e tratei de dar-lhe a posição que me pareceu mais confortavel para o seu estado.

Colloquei uma enfermeira á cabeceira, com ordem de chamar-me ao menor movimento que o enfermo fizesse.

Meia hora depois mais ou menos, ella chamo-me e eu entrei no quarto no mesmo momento em que o enfermo tirava a roupa de cima de si, abria os olhos e exclamava:

“Onde estou?”

Cheguei uma cadeira para junto de seu leito, tomei-lhe-a mão entre as minhas, apartei-lhe os magníficos anneis de seus cabellos pretos e perguntei-lhe como se achava.

- Muito mal, disse elle.

- O que soffre?

- Não.

- Doe-lhe o estomago?

- Sim.

- Tem sede?

- Não.

- Doe-lhe a cabeça?

- Sim.

- Desde quando está doente?

- Não sei.

- Onde mora?

- No hotel de Plalt Street.

- Tem alguma mala, carteira, ou qualquer outro objecto que deseje a seu lado?

- Sim, uma malazinha com papeis e manuscriptos meus.

- Si deseja, irei buscal-a.

Dando-me o tratamento de doutor, agradeceu-me e pediu-me que lhe dissesse onde estava.

- Está em casa de amigos.

- O meu melhor amigo seria aquelle que me fizesse saltar os miolos com um tiro de pistola.

- Socegue, Sr. Poe, aqui faremos nós todo o possível para defendel-o e mitigar-lhe os sofrimentos.

- Oh! Quão miserável sou, senhor, quando contemplo a minha degradação e minha ruina, quando penso no que tenho soffrido e perdido, no pezar, na miséria a que reduzi os meus parentes, quizera desaparecer em um abysmo, repellido por Deus e pelos homens, como escoria da sociedade. Meu Deus! que terrivel posição! Para a alma immortal não ha resgate!

- Sr. Poe, fique calmo e tome esta poção, que o tranquilizará e lhe dará vigôr.

Estendeu a mão para tomar a vasilha e a enfermeira levantou-lhe a cabeça. Depois de ter bebido cerrou os olhos, como si quizesse dormir.

Fiquei ao seu lado escutando o melhor que pude a sua respiração e tratando de fundar o meu diagnostico nessas observações.

Eu estava sob a impressão do que me tinham communicado os que o haviam visto estendido na esquina da rua e que o julgavam sob o imperio do alcoolismo chronico, porem, eu nenhuma data tinha a respeito do tempo que houvera transcurrido desde a absorção dos licores, não justificando de modo algum os symptomas presentes esta supposição.

O enfermo não tinha estremecimentos nervosos, seus dedos estavam tranquilllos, e elle respondia com certeza ás perguntas que eu lhe fazia. Seu semblante lívido, os olhos não estavam injectados de sangue, as pulsações fortes e frequentes. Permaneceu nesse estado perto de uma hora e abrio de novo os olhos.

Perguntei-lhe si desejava aguardente, não tanto com o fim de estimulal-o, como para vêr si com esta proposta seus appetites de bebedor se despertavam.

Abriu excessivamente os seus grandes olhos e fitou-os em mim com uma tal expressão que me vi forçado a desviar a vista.

- Senhor, disse-me elle, si o liquido contido nesse vaso devesse transportar-me immediatamente aos Campos Elyseos, não o beberia, não o aproximaria a meus lábios. Vós não sabeis os tormentos que elle póde causar.

- Eu devo fazer-vos tomar uma bebida opiada afim de terdes um pouco de sonno e de repouso.

- São esses os dous precusores do inferno e da perdição.

- Mr. Poe, é absolutamente necessário que socegueis e eviteis todo o motivo de excitação: o vosso estado é muito delicado, e qualquer exaltação trar-vos-ha immediatamente a morte.

- Doutor, estou doente? Não ha mais esperança?

- As possibilidades estão contra vós.

- Oh! Quando verei minha querida Virginia! Quizera tambem vêr a minha cara Leonor!

- Irei buscar as pessoas que desejais vêr.

Nada sabendo eu sobre sua família, perguntei-lhe:

- Tem família?

- Não, minha esposa, minha cara Virginia, é morta: existe minha sogra. Oh! Como o meu coração palpita por ella! O negro anjo da morte completou a sua obra. Fui lançado á tempestade sem bussola e sem pharol... Doutor, escreva á minha sogra Maria Clemm. Diga-lhe que seu Eddie está aqui. Não, é muito tarde, demasiado tarde! Devo saber com as reservas e dizer-vos o segredo que consome o meu coração e rasga a alma. Dentro de dez dias eu devia casar-me. (Aqui fez pausa e soluçou).

- Quereis que vos traga a vossa futura? Perguntei-lhe, pensando que ella morava na cidade.

- É muito triste! Muito tarde!

- Oh! Não, respondi eu. Posso mandar já a minha carruagem.

- Não; escrevei a ámbas. Preveni-as ao mesmo tempo de minha enfermidade e de minha morte.

- Indicai-me as suas moradas.

- Madame Schelton, em Norfolk. Virginia e Maria Clemm, em Lowell, Massachusetts.

Nesse momento suas faces se coraram, as veias das fontes incharam, os olhos vagaram confusamente e a cabeça inclinou-se para diante: mandei renovar a aplicação do gelo á cabeça e as preparações quentes aos pés. Fiz tomar outra vez um góle da poção calmante, depois notando eu que a minha presença, bem como a da enfermeira pareciam incommodal-o, ocultei-me e tambem esta por detrás da cama.

Tendo eu sabido que um tal Nelson Poe era seu parente longe, mandei-o chamar á uma família Reynolds, que residia perto do hospital.

Nelson Poe e as Sras. Reynoldes sacudiram immediatamente ao meu chamado.

Edgardo Poe esteve perto de uma hora em estado de torpor: tomando-lhe o pulso, encontrei-o muito fraco, agitado, irregular, dando 120 pulsações por minuto. Voltei para mandar-lhe dar um estimulante e um febrífugo.

Poe reanimou-se um pouco e pregou os olhos em mim. Puz-me perto da cama e notei pela everiguação de todos os symptomas, que a vida pouco a pouco se extinguia. Mande-lhe dar caldo com algumas gottas de ammoníaco.

Neste momento entrou o Dr. Jolin Monkur, e logo que olhou para Edgard Poe, disse:

- Doutor, está quasi a morrer.

- Sim, creio que tudo está concluído.

Examinou então minuciosamente o poeta e enumerados todos os symptomas que se tinham desenvolvido desde a manhã, foi como eu de opinião, que Poe succumbia á uma affecção nervosa, sobrevinda em consequencia de privações, cujo nome medico é encephalite.

O meu collega prescreveu-lhe vinho, caldo e os cordises, e applicação de gelo á cabeça. Muitas vezes Poe levou a mão á bocca, como si tivesse desejo de beber agua. Mande dar-lhe um pedaço de gelo. No dia seguinte, uma pequena colherada de agua que engolio difficilmente, porém, em seguida tomou caldo sem difficuldade alguma. Neste momento tornou a si, e abriu os olhos. Parecia ter difficuldade em falar.

- Doutor, tudo está concluído. Escreva: Eddie não existe.

Eddie, era o nome de filho, que Mme. Clemm, sua madrasta, lhe dava.

- Permitti, Mr. Poe, que vos previna que o vosso fim está próximo. Tendes alguma coisa a recommendar a vosso respeito ou de vossos amigos?

Elle murmurou:

- Adeos, até á eternidade.

- Pense em seu Salvador, respondi eu: elle terá piedade de si como de toda a humanidade; Deus é misericordioso!

- As abóbodas do cão me aniquilam! Repouso; deixa-me passar. Deus escreveu os seus decretos, legíveis na face de todas as criaturas humanas. Os demônios apoderam-se de um corpo... por prisão tem as turbulentas vagas da negra desesperação.

- Espera e tem confiança nelle.

- Assassino de mim mesmo, entrevejo o porto, mas há ahi rodomoinho. Onde está o guia, a barca de salvação?... Baixel de fogo, mar de cobre!... Calmaria em todas as partes, em nenhuma um porto de salvação!

Seus olhos se elevaram ao céu de tal maneira, que apenas se viam os globos brancos: fez alguns movimentos convulsivos e, após um tremor geral, tudo se concluiu.

Era meia noite de 7 de Outubro de 1849.

Soube pelo porteiro do hotel *Pralastreet* que Poe tinha chegado a 5, que o vira tomar o trem para Philadelphia, e que os conductores encarregados dos bilhetes o tinham encontrado desmaiado no wagon das bagagens. Chegando á estação do Havre de Grace, o conductor conduzio-o ao trem que o levou a Baltimore. Chegou á noite, e ninguém o vio até ao momento em que foi encontrado no canto da rua *Lightstreet*. Sem duvida, tinha andado errando toda a noite pelas ruas de Baltimore.

Alguns instantes depois de sua morte recebi uma malasinha que remetti por intermédio de Mr. Nelson Poe á sua madrastra, Mistriss Maria Clémm. Conservo as cartas que ella me dirigio, agradecendo os cuidados prestados a seu querido Eddie durante a enfermidade.

Depois de sua morte foi o corpo de Edgardo Poe lavado, vestido e exposto em uma grande sala da Universidade, immediata ao hospital, onde numerosos amigos e admiradores do defunto vieram tributar-lhe a ultima homenagem de respeito. Cincoenta senhoras a instancias suas, receberam cada uma madeixa desses magníficos cabelos negros. Esteve exposto o corpo todo o dia.

Na manhã de 9 foi sepultado no cemiterio Westminster, situado na esquina de *Fayette et Green Street*, em Baltimore, era este o lugar de inhumação da família Poe.

Os seus restos mortais foram acompanhados á sepultura pelos mais distinctos habitantes de nossa cidade em artes e litteratura.

Porém, ausente desta immensa multidão de gente, estava, sem duvida, a pessoa que mais sinceramente chorava por Edgard Poe – Mme Maria Clemm, sua madrastra, porque elle se tinha casado com sua sobrinha.

Poe não estava desfigurado: todas as suas feições conservavam-se calmas, em seus lábios parecia debuxar-se um sorriso, e todos aquelles que o viram, exclamaram: “Que semblante tão pacífico.” O rosto tinha conservado sua côr, e parecia que elle dormia.

Era Eduardo Poe um homem bonito. Trajava com esmero e gosto tal que difficilmente seria igualado. Seu semblante era admiravelmente moldado, a testa proeminente e em espaçosa, igualando em proporção á do grande Napoleão Bonaparte, de quem tenho um busto em minha casa. Sua cútis alva, cabellos pretos como a aza do corvo, e com tendencia a se annellarem. Os dentes admiraveis e os olhos pardos. O seu talhe era de cinco pés e dez pollegadas. Pesava cento e quarenta e cinco libras. Suas mãos eram tao delicadas como as de uma mulher.

A mortalha foi enfeitada por minha mulher e algumas senhoras amigas suas que consideraram como uma honra contribuir com esta homenagem ao illustre poeta.

Um *gentleman* (cavalheiro) europeu, medico celebre, de passagem por Baltimore, que o tinha visto alguns momentos antes de sua morte, chorou pelo poeta, dizendo que elle tinha sido o maior critico e poeta americano.

Elle tinha lido todas as suas obras, e quanto sahia das mãos de Edgard Poe elle admirava com assombro. – J. J. Moran, M. D. – Medico em chefe durante sete anos da Universidade de Washington, hospital Broadway, na cidade de Baltimore, Sul.

## **Crítica 2**

Gazeta de Notícias, 24 de novembro de 1886.

### **Notas de Critica Litteraria – O romantismo europeu (Páginas de um livro inedito)**

O momento historico aberto agora diante de nossos olhos, o romantismo, representa só por si qual toda a litteratura do seculo XIX, e, todavia, ainda não ha sido bem apreciado.

Disfendido outros dois inimigos, dois rivaes poderosos, tem levado golpes á direita e á esquerda. Nós, os homens da geração actual, não assistimos á sua lucta com o classismo, pugna brilhante de que sahiu victorioso; presenciam os em composição seu pelear ultimo com o naturalismo e dez outras theorias, que o pretendem definitivamente enterrar.

Estas, em seu entousiasmo juvenil, acreditam nada dever ao velho systema pernicioso erro historico. Deviam reparar que a litteratura rege-se pela lei da evolução, é uma verdadeira organização de philogeseala das idéas. Nada existe sem antecedentes, mesmo na evolução conogenetica, e os antecedentes das doutrinas de hoje são justamente o proprio romantismo... Mas que é, que foi o romantismo? Ha vinte respostas a esta pergunta. Apreciomos algumas d'ellas.

O romantismo é uma reacção religiosa contra a philosophia do seculo passado. Assim passam alguns, iludidos pelo primeiro momento da romântica franceza, a phase tolamente denominada (ilegível). Não póde haver maior engano em historia litteraria. A par de alguns poetas catholicos, o systema deu-nos por exemplo poetas de um materialismo sem mescla. O

mesmo na crítica, na philosophia, e no resto. Byron, Edgar Poe, Balzac, Sainte-Bauve, Baudelaire, para não falar em Goethe, não foram catholicos.

Vamos a outra... O romantismo, se não é uma volta ao christianismo puro, é certamente uma reacção contra a Renascença, um retorno ás scenas e á vida da idade média... Existe ahi muito escrevinhador de momento, especialmente em Portugal, que possui da litteratura d'este seculo essa misera noção e traça-lho tão acanhada característica. Um erro, uma vista superficialissima: dos factos intellectuaes.

Que têm que vêr Leopardi, Musset, Schelloy com a idade média ? Os movimentos de reacção e retorno em litteratura e em politica são sempre movimentos negativos, o seria um impossivel que nosso seculo, o grande creador dos estudos históricos, o introductor (ilegível) do principio da historicidade, viesse alentar-se de uma poesia anaclaronica, emperrada, reaccionaria, contra as leis do desenvolvimento progressivo das idéas. Impossivel.

Não podendo as duas fórmulas lembradas conter e explicar todos os phenomenos litterarios do tempo, imaginaram-se outras. O romantismo é o apecticismo, a duvida philosophica e relligiosa levada para a poesia. Byron, injustamente, foi inventado para symbolysar esta tendencia.

Digo inventado, porque o grande Byron, ao menos cá pelo nosso mundo latino, é menos o valente poeta inglez, do que um certo typo convencional, creado pela critica franceza. Este modo de explicar o romantismo é graciosamente esteril. Bchuller e Victor Hugo, Tennyson e Worsworth-ficariam fora do quadro.

Houve recurso a outros expedientes: - o romantismo – é o sentimentalismo na litteratura, é a continuação da melancolia de Rousseau, discutida por todo seculo XIX. São bem conhecidos os typos de *Wether*, *Coriza*, *Adolpho*, *Olympio*, *Bent*, *Jocelyw*, *Lelia*, e muitos outros chamados para justificar a theoria. Esta explicação é até a predominante geralmente no mundo publico. Um homem romantico é um typo pallido e tristonho, exhibindo magoas e desconsoles.

Uma moça romantica é uma creaturinha meio phantastica, de olhos languens, descoradas faces, um todo de sonhos e chimeras.

Quem não vê que os delírios passageiros de um tempo não podem constituir a força, a substancia activa de uma litteratura ? Não é o bom ou o máo humor dos poetas que marca a índole das doutrinas e dos systemas litterarios. O romantismo não possuiu somente chorões reaes ou affectados ; teve tambem para ahi muitos espiritos equilibrados e expansivos a communicar enthusiasmos e alegrias.

Foi preciso á critica inventar outra medida, outra toeza para marcar os poetas, romancistas e dramaturgos.

O romantismo é o predominio da imaginação, o principado da phantasia.

Que é um livro romantico? – E'um livro phantastico, elvado de miragens, de encantamentos, como o *Ashaverus* de *Quinut*. Que é um herói romantico? – É um ente raro, miraculoso, uma espécie de archetypus em contraste com o mundo positivo, vivendo de uma vida ideal.

Victor Hugo creou uma galeria d'elles: *Bing-Jargal*, *Jean Valgean*, *Quarimodo*, *Hernani*, *Cimourdin*, *Angelo*, e trinta outros.

Por menos que as deseja uma litteratura que seja uma expressão da realidade, uma notação da vida mundana, não é possivel desconhecer a falsidade das creações dos romances e dramas do grande lyrista francez.

Se o romantismo tivesse ficado n'aquillo, teria sido um movimento lusigalficante, desprezivel, e o proprio Hugo, as tivesse produzido só esses disparates – teria hoje um nome esquecido, justamente esquecido.

Houve, porem, momentos em que os romanticos deixavam os sonhos e aproximavam-se da realidade. Balzac foi um d'elles.

Para estes, o romantismo era a ultima palavra das creações litterarias: tinha uma base scientifica, o seu fim era representar a vida das almas humanas, a historia natural dos caracteres, como a biologia é a historia natural da vida organica nos seus domínios inferiores.

Era esta uma pretensão exagerada, em desacordo com as maiores invenções do systema. Não estavam esgotadas as doutrinas e as explicações.

Ouçamos a natureza do systema, feita pelos seus grandes representantes. Em 1830, em artigo consagrado ás poesias de André Dovale, artigo reproduzido no prologo do *Hernani*, Victor Hugo definia a nova escola – *o dominio do liberalismo na arte*. Se bem entendemos o poeta espiritualista, o romantismo não era uma questão de idéas philosophicas, senão uma certa franquia na escolha dos assumptos e no medo de os tratar.

Os classicos tinham assumptos, idéas e linguagem consagrados: labutavam n'um circulo estreito a remexer velhos manequins de uma rhetorica eslafada. O classismo era uma especie de pagom da velha realeza. As idéas revolucionarias abalaram os thronos, entraram pela litteratura a dentro, e desnconcertaram as poentas cabeleiras clássicas. Houve um grande acordar para a vida, a liberdade penetrou em todos os recessos do pensamento. Este o grande feito do romantismo.

E' verdade em parte: não dá, porem, toda a medida das novas tendencias.

Bem cedo o novo systema teve tambem sua rhetorica vasia e retumbante, inanida o fútil. Victor Hugo bem contribuiu para formal-a e diffundil-a pelo mundo latino. Ao lado do cantor das *Comtemplações*, Alf. De Musset, depois dos desvarios de 1830, ridicularizava a grande escola de que era elle um dos mais prestimosos orçamentos. Em 1836, em artigo inserido na *Revue des Devz Mondes*, satyrisava a litteratura corrente, mostrando não ter ella nada avançado além da que a procedera-a não ser o emprego abusivo de adjectivos...

O primeiro poeta francez d'este seculo poz o dedo em cima de uma das chagas da romantica. Espiritos de segunda o terceira classes, fabulas o curandeiros das lettras, immiscuiram-se no meio dos grandes mestres e deitaram a perder o trabalhos progonos. Sem idéas e sem vis creadora, apegaram-se a litteratura do seculo.

A satyra do autor de *Don Paez* e de *Poesia* attingia perfeitamente o alvo: tem a sensatez da justiça.

Comprehende-se, entretanto, não ser sufficiente o gracejo humoristico do poeta de *Holla* – para deduir o differenciar um movimento litterario, que protrahiu-se por mais de setenta annos.

Mais profundo, ou antes, profundamente serio – foi o programma traçado á nova escola, por Frederico Schlegel em 1794.

Sabe-se que os allemães excluem da escola romântica – Lessing, Horder, Goethe e Schiller.

O movimento romantico allemão é para elle posterior ao grande período clássico, em que floresceram aquelles grandes gênios, e começou com Schlegel no anno precitado.

Ainda fazendo tao grande desconto, o romantismo germânico é anterior ao seu irmão francez.

O manifesto romantico de Schlegel consigna como ideia capital da doutrina o aproveitar-se dos ensinamentos da ciência, da historia e da critica. É evidente um prenuncio, uma antecipação ao *savantismo* ou *sedentificismo* doidamente defendido por alguns máus poesias de nossos dias. Schlogel queria apenas fornecer á poesia armas novas; approximal-a das grandes luctas modernas, sem despil-a, porém, de seu character especifico. Mal compreendida a idéa do romantico tedesco, pode-se tombar nas mais grosseiras extravagancias.

Em todo caso, seu programma não foi seguido; a poesia caminhou por um lado, e a scientia por outro.

A doutrina de Schlegel, incompleta e ineficaz para explicar a indolle da poesia da litteratura d'este seculo, foi adoptada e desenvolvida por aquelles moços, que tomaram Hedne e Borne por chefes, e são conhecidos na historia com o nome de *Joven Allemanha*. Para elles, o grande *desideeralum* da litteratura do nosso tempo é lucitar, pugnar pela liberdade politica, social e religiosa. Deve para tanto lançar de preferencia mao da prosa. Será isto muito bom nos pamphletos politicos, nos escriptores de polemica, nas obras de critica. Na poesia, o eterno badalar contra Deus e o Christo, contra o papa e os reis – será de muito alcance nas mãos ou na boca do spropagandistas; mas, como arte, como poesia, é preferível [ilegível] alli a um canto algumas trovas populares.

O que alguns poetas nossos, tomados de ancias demagógicas ou de religiophobia, julgam conquista novíssima de suas cabeças, é em verdade cousa bem velha no seio do velho romantismo. Não o explica, entretanto.

Mais alentada é a ideia de quem, como Grimm, julga ser a notação fundamental da litteratura de nosso seculo – a volta de todas e de cada uma das nações as suas creacoes populares.

Foi esta certamente uma das grandes obras do romantismo. Ajudado pela critica, pela linguística e pela mythographis, elle penetrou na região em cantada de lendas, dos contos, das canções, da crenças populares. A nativisação, a nacionalização do poeta e da litteratura em geral foi talvez a maior falta do romantismo. Não o explica de todo. Tampouco o esclarece dizer, com Zola, que sua função histórica foi preparar a língua para ser empregada pelo naturalismo moderno. Resultado inconsistente este, não constituiu jamais o programma de uma escola.

Que foi então o romantismo? – Tentemos explical-o. A differença existente entre a litteratura do seculo XIX e a litteratura dos outros tempos é a mesma que existe entre a sciencia e a philosophia do seculo XIX, e a sciencia e philosophia dos outros tempos.

### **Crítica 3**

Jornal do Recife, 11 de julho de 1889.

### **Quotidianas**

Não aventamos novidade alguma affirmando que além de alguns nomes francezes, italianos, hespanhois, inglezes, portugueses e allemães e de poucos russos, que não se elevam talvez a uma velha dezena sueca, isto é, a uma dúzia, ninguém ou quase ninguém conhece no Brasil os grandes escriptores estrangeiros, verdadeiras glorias do mundo das lettras no seculo dezenove.

Da própria republica dos Estados-Unidos, não obstante fazer elle parte do nosso continente e ser a língua alli falada preparatorio indispensável para a matricula em cargos superiores, Edgar Poe, Emerson, Longfellow e Bryant, são quase os únicos que constituem nosso repertorio litterario, quasi todo havido de terceira mão, sendo nos em geral desconhecidos Washington Irving o autor de *Shetekbook of Geffrey Crayon, do Bracebridge* e de *Tales os a Travaller*, o mais popular dos escriptores americanos, Mark Tivain, o primoroso *bijoutier do Bombo do elephante branco* e da *Ran saltadora*, e outros poetas e romancistas de elevado mérito.

Se isso, porem, se dá com um povo americano com quem tao estreitas relações mantemos, o que se dará com povos remotos, de índole e costumes diversos, expressando-se além de todo em línguas que não conhecemos?

Não nos serão, portanto, aos ouvidos como palavras de idioma morto, os nomes de Cremer, Jokai, Lermontof, Andersen, Thereen, e Isaias Tegner?

No entanto, Cremer é o autor dos *Interiores holandeses*; Jokai, do *Gato branco* e do *Tragello*; Lermontof, do *Mtaivi*, de *Ismael Bey* e da *Princesa Maria*; Andersen, da *Pequena Sereia* e do *Sino*; Magdalena Thoreen, das *Scenas da costa da Noruega* e da *Herdada Lukaé*; todas obras de grande valor, diamantes de primeira água, entre as quaes alguns, somente em allemão, tem merecido a honra de quatorze traducções.

A nenhum deles, porem, se mostra inferior o cantor de *Trithiof*, que é, no pensar de Battigor, a maior epopeia do seculo. Isaias Tegner o valente genio de *Seca* e da *Azel*.

Nasceu o celebre poeta em Kyrhend a 13 de Novembro de 1782, tendo pouco depois a desdita de perder seu pai, pobre e obscuro ministro de culto reformado, quando contava de idade nove annos apenas.

Nas precárias circumstancias em que deixou a tal morte, teve o pequeno Isaias de renunciar a sua constante aspiração, seguir a profissão de seu pai, aceitando, com effusão, alguns annos mais tarde, um insignificante emprego de arrecadação dos impostos ruraes, onde conseguiu a aprender os primeiros rudimentos de leitura e arithimetica.

Foi nessa época que o futuro imortal deixou-se inflamar pela paixão das lendas nacionais, pelo seu amor á natureza, tao preciosa as vezes, outras tao terrível, nas regiões frigidias do Norte, com as suas *weillie e walkyrias*, com as suas mantas de gelo immaculado e sua casta nudez; mas tambem com os seus *elfos*, e seus *trolez*, suas tempestades e seus abysmos.

Foi igualmente nessa época que cahio-lhe entre as mãos a saga de Trithief, “e durante vinte e cinco annos, diz alguém, essa figura épica do heroe scandinavo, exaltos sua imaginação, até que immortalisou-a no mais popular dos poemas do seu paiz.”

#### Crítica 4

A Republica, 05 de fevereiro de 1903.

#### Péga!!...

A originalidade é cousa rara e já adquiriu fóros de brocardo a phrase-*nihil sub solum novum*. Agora entre a falta de originalidade e a *cólla* há uma diferença profunda. Quem estuda repete sem originalidade o que aprende ;-o estudante cabula e vadio – *cólla* a licção materialmente, sem comprehendel-a. E' uma revelação de ignorância.

Deixemos, porem, de introitos e vamos direito ao caso.

O organ opositorista, o *Paraná*, logo no primeiro numero quis deitar espirito o estylo e escreveu –A MORTE DO CORONEL- O *seu enterro-o embalsamamento*. O facto, porem, é que não fez espirito, nem estylo, nem nada.

*Collou* simplesmente; e nem so deu o *articulista* ao trabalho de mudar palavras, procurar synonymos e dourar um pouco a pillula; copiou servilmente, sem mais cerimonia.

Assim é fácil ser jornalista.

Ahi vae o pedacinho, que não é mesmo pedacinho, é um pedaço:

“A ideia da morte paira sobre todo este singelo artigo, envolvendo-o sinistramente no seu manto gélido de horror e de mysterio. Perante esse tétrico proteu de formas terrorosas, não vá a pallida nevrose que em nós todos'se aninha, desde imperceptível fermento é obsessão completa, sobreexcitar-se enroscando sobre as mentes fracas as volutas constrictoras de um pesadello de angustias.

Longe de mim o heroicomico intento de provocar desmaios e lagrimas.

Communicar o calafrio das vibrações funereas, soltar a nota plangente da meia-noute, onde repassa o sibilar do vento no eypreste e o piar d'ave agoureira, onde echôa o ranger das ossaduras que, erguendo-se da tumba, vêm banhar-se á luz esbranquiçada do luar, segredando os mysticos colóquios, ou profanando o sólo bento nos volteios marcados a diabólico compasso – só os acordes negros dos nocturnos de Chopin ou da dansa macabra de Saint-Sains.

Dramas mortuários, que estrangulam de pavor e deslocam a mandíbula nos trêmulos rythmicos do medo, que (incompreensível) o stertor dos moribundos e ressumam o suor das agonias, só os traça a penna demoníaca d’um feiticeiro maldito, Edgar Pöe.

O queixume infecto e o soluçar surdo do cadaver sepulto, o connubio mordente das larvas, as amantes sensuais das carnes mortas, o sombrio spleen do esqueleto desperiosado e nú, estremecendo de trio, de luxuria e de maldade, esses fundos violáceos d’onde ressaltam a phosphorescencia da padridão, o contacto nojento dos vermes, o olhar penetrante das orbitas vasias, e as fallas mudas de bocas desmanteladas – só o metro satânico de Beaudelaire, o espirito tenebroso onde floreja o mal, só o verso putredinco de Rollinat, o allucionado de nevrose infecta”.

Agora que foi lida toda essa tirada, fique sabendo o leitor que isso é da lavra do articulista do “PARANÁ” tanto como *Os Miseraveis*, que escreveu Victor Hugo, ou as Flores do Mal, da penna de Baudelaire.

Tudo isso, sem tirar uma virgula, sem troca de uma palavra, n’uma copia servil de arrepiar cabellos, foi escripto, há uns 18 annos mais ou menos, pelo celebre medico portuguez, ainda muito falado ultimamente quando a peste bubonica invadiu a cidade do Porto, o dr. Ricardo Jorge, no sue livro denominado *Hygiene dos Cemiterios*. Isto logo no principio, não precisa percorrer muitas paginas, para encontrar a *cólla*.

E’ a cousa mais simples do mundo verificar.

E agora nos ajude o leitor a gritar, apito entre os dentes :

Péga ! Péga ! ...

## **Crítica 5**

A Pacotilha, 06 de dezembro de 1904

### **Edgard Poe**

Eis um nome que as gerações actuaes desconhecem quasi e que todavia designa um dos mais nobres e mais raros espíritos que a humanidade tem produzido.

Existe uma lenda ácerca do autor das *Histórias Extraordinarias* e que nol-o pinta incapaz de compor e descrever uma linha sem ter o cérebro hyperesthesiado pelos vapores allucinantes do álcool.

O verdadeiro Poe é, pelo menos durante a mais fecunda parte da sua existência, muito differente desta imagem deformada pela imaginação do publico.

Sahio a lume ha dias um livro consagrado a este illustre homem de letras e que nos revela um Edgar Poe inedito, um Edgar Poe affavel, simples, prazenteiro e sobretudo doidamente namorado da gentilíssima esposa que tivera a boa sorte de encontrar e que a desventura lhe roubou precocemente – o que foi a origem da sua ruina physica e moral. A primeira educação de Edgar Poe havia sido forte e esmeralda. Os seu mestres e condiscípulos são unanimes em dizer que “a sua paixão dominante era um ardor entusiasta por tudo quanto apprehendia” e que “era capaz, por pouco que o assumpto lhe interessasse ou que o seu amor próprio se sentisse exeitado, de uma intensidade de attenção que lhe permittia vencer as difficuldades como a brincar.” A repulsão que a principio manifestara pelas mathematicas cedera o passo a uma aptidão maravilhosa.

Eis um dos aspectos dessa rica natureza que possuía muitos outros ainda, taes como uma tendencia para a singularidade e para a mystificação, da qual sahiram as suas pretendidas aventuras na Grecia e na Russia e o conto famoso em que descreve a sua travessia do Atlantico em um balão dirigível, chimera de hontem, realidade talvez de amanha. Finalmente ainda, um gosto pronunciado pela meditação e pela originalidade.

Escreve elle:

“Desde a minha tenra infância, não fui como eram os outros; não vi, como os outros viam. Não podia tirar as minhas paixões de uma origem commum; não derivei da mesma nascente as minhas dores e fui eu o único a amar as cousas que amei.”

Escreve dele um dos seus condiscípulos:

“Foi sempre um sonhador, habitantes de reinos imaginários, ceu ou inferno, e povoando-os de creações sãs ou mórbidas do seu espirito.”

Possuia uma fe soberba na omnipotencia da razão. Este axioma é delle:

“O engenho humano nada póde fazer o que o engenho humano não possa desfazer.”

E pol-o em pratica numa circumstancia celebre:

Certo dia no *Graham's Magazine*, desafiou quem quer que fosse a submeter-lhe um texto escripto em cifra e que elle não pudesse decifrar. Affluiram de todos os lados as acceitações deste cartel. Pois de cem cryptogramas recebidos, so um não foi por elle decifrado – e esse era um embuste de quem o fabricara. Todos elle conseguiu ler, mesmo os que estavam escriptos em sete alphabetos differentes ou linguas estrangeiras e nos quaes as palavras e as phrases succediam sem intervallos.

Todas estas faculdades, tendencias, inclinações, aptidões e conhecimentos – escreve um comentador do livro a que alludo – acharam o seu emprego normal e logico quando elle escreveu os seus contos immortaes.

Acerca do seu modo de trabalhar abundam informações fidedignas e precisas, acordes todas em testemunhar que nada havia de anormal nas suas condições de producção.

Conheci-o, diz Mayne Reid, fechado em casa durante um mez inteiro, manejando activamente a penna durante todo esse tempo, ainda que mesquinamente pago e apertado pela fome que lhe sitiava a porta mal cerrada. So poucos amigos recolhidos podiam então importunalo.

Sua tia e sogra, e providencia do seu lar, Mrs. Clemm, escreve:

“Edgar passava a maior parte da manhã a trabalhar; concluída a sua tarefa, entretinha-se em jardinar.”

Finalmente, eis o seu retrato quando estava á caça da inspiração. É uma amiga delle que nol-o descreve nestas linhas:

“Quando Eddie (Edgar Poe) compunha um poema, costumava passear de um lado para o outro na sua sala, com uma das mãos atrás das costas e mordendo os dedos da outra ate fazer espirrar o sangue.

Quando tinha encontrado o que queria, sentava-se para ridigir os versos e depois recomeçava o seu passeio.”

Nada de anormal em tudo isto. Convém notar ainda que a unica bebida com que se excitava para o trabalho literário era o café. Estamos longe da lenda, como se ve.

Há outro ponto da vida de Edgard Poe que convém por em evidencia: é o idyllio do seu casamento, a dedicada affeição que consagrou á sua esposa, a fidelidade que lhe guardou e a dor pungente que lhe causou a sua perda.

Quando ao sahir da Escola Militar de West-Point, abandonado por M. Allan, sem apoio, miserável, veio para Baltimore, encontrou asylo e protecção em casa de uma irma de seu pai, Mrs. Clemm, quasi tao pobre como elle.

Mrs. Clemm tinha uma filha criança de doze annos, Virginia, cujo encanto e bondade fizeram nelle grande impressão. Não tardou em se apaixonar por essa adorável menina.

Eis como elle a descreve:

“A sua belleza era a dos seraphins. A sua alma era sem artificio e tao innocente como a curta vida que vivera entre as flôres. Nenhuma malicia disfarçava o ardor do sentimento que animava o seu coração.”

Desposou-a no dia 16 de Maio de 1836: tinha ella quatorze annos apenas e elle vinte e sete. Uma testemunha fala de Virginia Poe nos seguintes termos;

“Tinha olhos pretos muito grandes e a tez de uma brancura de perola. O seu rosto pallido, os seus olhos brilhantes, o seu cabelo de azeviche davam-lhe um aspecto que nada tinha de terrestre.

Poe tinha muito orgulho della e amava-a muito; gostava de fazer notar o contraste desse redondo semblante de creança e dessas fórmas cheias posto que delicadas, com as suas próprias feições emmagrecidas e melancólicas. Ella idolatrava-o.

Apezar da miséria, apezar das decepções e difficuldades de toda a ordem que lhe tolhiam os passos, Poe foi com ella completamente feliz e testemunhou-lhe pela sua fidelidade o seu reconhecimento pela ventura que ella lhe dava.

É absolutamente falso, escreve Mrs. Clemm, que elle tivesse faltado aos seus deveres de fidelidade ou de affeição para com Virginia, como calumniosamente se espalha. Até o ultimo instante da vida da sua esposa, Poe foi-lhe inteiramente dedicado. Todos os nossos amigos o podem testemunhar.”

Uma outra senhora, Mrs. Osgood, diz-nos como elle era com sua mulher:

“Jovial, affectuoso, cheio de espirito, alternativamente dócil e caprichoso como uma criança animada, tinha sempre para a sua joven e meiga esposa a quem idolatrava uma palavra carinhosa, um sorriso amável, uma atenção graciosa e cortez... Quanto ao amor e confiança encantadora que existiam entre ambos e de que fui testemunha, não há expressões assás calorosas para os descrever. Creio que ella foi seu único amor.”

Em 30 de janeiro de 1847, Virginia, consumida pela tuberculose, soltava o derradeiro alento.

Esta perda causou profunda impressão no poeta. “Nenhum homem, escreveu elle, pode gabar-se de ter o direito a queixa do Destino, quando tem a amparal-o na adversidade o amor inalterável de uma mulher.”

Dahi em diante a vida de Edgard Poe, sem amparo e sem guia, rola de adversidade em adversidade ate o seu lamentável desfecho.

## Crítica 6

Jornal do Recife, 31 de março de 1909

### O Engenho de Edgar Poe

Não sei, o muito pouco se me dá em saber-o, como os norte-americanos de hoje celebraram o primeiro centenario do nascimento do grande engenho – Edgard Allan Pöe- que devia mais tarde os immortalizar perante a literatura dos povos civilizados, ao lado dos Coopers, Longfellovos, Emersons, Irvinga, Prenotts, Benerofts, Franklins, e outros que taes espíritos superiores. E’ mesmo provavel, alguns ainda tenham nos la (incompreensível) dos o rosabio de alcool, que borbulhava naquela formosa cabeça de calta perdido nas florestas virgens que bordam as aguas bravas do Meschacebá. Não creio meio seculo baste para suscitar certa admiração por um sujeito ébrio, vagabundo, jogador, provocador de escândalos, brigão e insoburdinado. Os *yankees* não têm a ingenuidade sincera, despreocupada, do portugues, ante as loucuras de Camillo “o filho d’um doido, descendente d’uma família de desordeiros, assassinos loucos moraes libertinos e excêntricos” e “neto de uma doida”, ou o *humour* fino, atilado, paradoxal, incomprehendido dos que estão de fora, dos maranhenses de 1860, para com as diatribes amargas, mescladas de uma ironia ferina, as satyras perversas de João Lisbôs. Talvez tambem, mas duvido muito. Não li em os nossos jornaes, nem nos franceses, cousa alguma, respeito a festas deste centenario ali. Por isso, creio-talvez esteja vergonho-somente errado-se não tenha realizado tal commemoração tão commum entre os italianos, alemães, inglezes, francezes e portuguezes. Entre nós, brasileiros-imitação ou pouco caso de gente, (incompreensível) os centenários de nascimentos de homens illustres, factos importantes da vida politica, feitos heroicos, promulgações de leis importantes, fundações de cidades, passam-se entre as salvas dos canhões das fortalezas coloniaes (quando as ha) e os artigos macarrônicos dos historiadores falhos de logica, de rhetorica e de espirito analytic, empavonados de um bairrisco ôco, a tal genero de cogitações.

Afóra as festas do centenario, do nosso descobrimento e da abertura dos portos ao commercio mundial, não tenho noticia de outro revestido da imponência destes dois.

## I

A dezenove de Janeiro de 1809 e não de 1813, qual insinúa Pinheiro Chagas (Diee, l'op. Tom. IX pag. 426) nasceu em Boston, estado de Massachussetts, o “menino doente” que havia de deslebrar por momentos rápidos e incisivos, a vida intellectual dos Estados-Unidos. Descendente de uma família importante,-e seu avô o general Poë fora um dos que fizeram a guerra da Independencia- colhea-o aos treis annos de idade, a miseria. Dos seus paes-David Poë, actor, embora descende de uma aristocratica familia irlandesa, e da sua mãe Elizabeth Arnold, tambem atriz, só se lhe conhece uma historia horrivel, horrivel e dolorosa : a mãe morrera uma semana após o óbito do marido, succumbido, por sua vez, sob a acção de uma crise de alcoolismo. E o filho, trazia para o mundo a tara hereditaria, senão augmentada assombrosamente. Um casal americano, Allan-refere João Ingram em a memoria que precede os “Poemas e Ensaios”-rico, seus filhos, condoeu-se da sorte da creança desamparada. “Em 1816, M. Allan, escoces de nascimento, tendo ocasião de visitar a Inglaterra levou comsigo Edgard e pôl-o em um Collegio de Stoke Newington, de onde elle sahiu em 1821 para se matricular em certa Academia de Richmond.” Por este tempo, Poë ligava-se com os filhos das melhores famílias da cidade, tendo o casal Allan o maior cuidado em occultar a historia e a família cujo era nascido o seu filho adoptivo. Na capital da Virginia nasceu o primeiro “affaire de coeur” do poeta. Os parentes intervieram, ainda nos refere Ingram, as cartas dos namorados foram interceptadas e a donsella casou-se com outro cidadão. Disto, porem, adveio-lhe uma melancolia e uma amargura que lhe velavam a felicidade natural do moço rico, despreocupado com as cousas da vida.

O *spleen* e o alcool seriam d'alli por deante, os dois companheiros que o não largavam senão no tumulto. No principio do anno de 1826 elle se matriculou na Universidade da Virginia, retirando-se nas férias do inverno do mesmo anno. “Sua recepção em casa, escreve Ingram, onde a reputação de jogador o havia precedido, certamente pelo exemplo de Byron, decidiu-se visitar a Grecia e offerecer os seus serviços aos gregos (o poeta queria se estrear na carreira das armas); mas, como elle não tinha dinheiro, ou posição para levantar um emprestimo, nem M. Allan estava disposto a assistir expedições quixotescas, o poeta procurou obter os fundos necessarios com a publicação dos versos de mocidade. Foi impresso o “Tamerlane and others Poems”, um libreto de quarenta paginas, e, alguns amigos ficaram certos aceitar alguns exemplares. Assim arranjos os fundos para a viagem, intervieram os parentes do poeta,

destruindo todos os volumes, salvando-se um único exemplar”. Edgard Poë desapareceu depois este facto, e é ignorado o que fez nestes oito mezes.

O infortúnio levou-o ainda á casa de M. Allan. A mulher deste senhor, e sua principal protectora, havia falecido na vespera de sua chegada. No anno de 1830, protegido pelo general Scott, foi admitido como cadete na escola militar de West-Point.

Processado pelo Tribunal Maroial foi “expulso do serviço dos Estados-Unidos.” De volta a Richmond encontrou M. Allan, casado novamente e com um filho. O antigo protector, logo que o visitou, ergue-se da cadeira em que assentava, e, ameaçou-o com a bengala. Desenganado quiz em Nem-York fazer uma nova edição dos poemas de 1829, accrescentada de outros. O livro era dedicado aos seus antigos collegas da escola de West-Point.

Não conseguiu. Por espaço de dois annos, se não sabe como nem onde, viveu o infeliz. Pinheiro Chagas admite a ida á Grecia. Ingram, mais competente, desconhece, e confessa-o lisamente. A vida e os meios de subsistência, tudo é ignorado. What a noble minde is here overthrown ! exclamaria talvez Hamlet. Um jornal de Baltimore abriu em 1833 um concurso para os dois melhores poemas e contos. Edgard Poe conquistou ambos. Na formosa cidade de Maryland, acolhido por sua tia Mrs. Clemm, o poeta desposou, em o dia 6 de março de 1836, sua prima Virgilia “une créature delicieuse, d’une beauté et d’une grâce charmantes”, “une image exquise de grâce patiente”, filha única daquela bôa senhora. Mrs. Clemm, refere o sr. Alfredo Méxières em um recente estudo *Les Malheurs et le Genie d’Edgard Poe* (Annales, Janeiro, 1909, pag.44), vigiava o genro com uma solitudine carinhosa: era embaixadora entre elle e os directores das revistas, ia levar-lhes os artigos, receber o dinheiro, comprar gêneros nas vendas, na previsão de encontrar o poeta ébrio, cahido em alguma taverna ou alguma estação vizinha. Publicou sucessivamente no *Southern Litterary Messenger* uma serie de contos e, mais tarde a pedido do director do jornal, criticas literárias, concluindo a sua trajetoria por um cardume de imposições absurdas. O contracto com o *Messenger* terminava com o numero correspondente ao mês de Janeiro de 1837 e Poe partia poucos dias depois, com a sua família para New-York. Na grande metrópole sahio a lume o celebre romance *Arthur Gordon Pym*, seguido de mais dois volumes de contos; em Philadelphia – *Tales of the Grotesque and Arabesc*. No começo do anno de 1841 elle entrou para o *Graham’s Magazine*, escrevendo nesta revista um dos mais extravagantes contos

que eu conheço desde as novelas de Bernadim Ribeiro até ás de Wells – *Os assassinos na rua Morgue*.

A vida do poeta vae de triumpho em triumpho – Dickens admira-o, a França conhece-o através das traducções de Baudelaire – até a morte de Virginia. A perda da mulher ainda nos narra a nós o Sr. Méxières “mergulhou o marido em um acesso de desespero, do qual elle não sahia senão para buscar o esquecimento no álcool.” Edgard ainda viveu mais de um anno, na companhia de Mrs. Clemm, em Fordham, arrabalde de New-York, lugar em que morreu Virginia. Seguiram a 30 de Junho de 1849 para Richmond á Baltimore. Esta viagem é o epilogo de uma tragédia horrível para muitos, natural para mim.

Antes de partir elle se sentiu indisposto e bebeu uma forte dóse de narcótico, cahindo em prostração ou mania temporária. Alguns mal feitores que andavam pelas ruas em cabala eleitoral, agarraram o infeliz e puseram-no em uma caverna ou antro, ate a occasião da eleição de um membro do Congresso. Chegado o momento collocaram a cédula na mao e levaram-no inconsciente ate a mesa que pouco reparou no seu estado e identidade. Conseguido o voto foi abandonado; um cidadão reconheceu-o. D’ahi foi levado o poeta desgraçado, ate o hospital de Washington onde faleceu no dia 7 de Outubro o mesmo anno.

## **Crítica 7**

O Paiz, 04 de abril de 1909

### **O que se pensa e o que se escreve – Edgar Poe**

Edgar Poe nasceu em Boston, no anno de 1809. Já lá vão cem annos e, apesar desse tempo largo, tão largo que, em geral basta para o esquecimento, os ódios e os rancores, os enthusiasmos e as admirações que essa bizarra figura inspirou, estão ainda por apagar.

Edgar Allan Poe continua a ser, para uns, um genio maravilhoso; para outros, um agitado vulgar.

O proprio professor *yankee* Sr, Henry van Dyke, cujas recentes conferencias sobre a literatura e o espirito americanos tanto interesse tem despertado, não conseguiu ser de absoluta e

imparcial justiça no juízo que publicou em uma revista franceza, acerca da estranha personalidade do seu compatriota. A paixão literária é empolgante. A sua influencia não se foge de todo, quando se está na lucta. O autor do famoso *Corvo*, endeosado pelos decadentes e symbolistas, soffre as consequencias desse culto e é atacado com essa escola, como se previamente lhe tivesse dado a sua solidariedade. Baudelaire tambem contribuiria para tornar Poe detestado pelos seus inimigos – dele, Baudelaire. Porque Poe é o pai espiritual dos “poetas malditos”, que, aliás, longe estava de prever...

A critica actual não admite o desdobramento dos artistas: explica as idéas e os sentimentos da obra pela vida do autor.

O Sr. Henry Van Dyke, no seu artigo da *Revue de Paris* considera Poe um typo perfeito de Lombroso. O seu ser afigura-se no critico americano como consequencia logica da degeneração physica e mental que a sua existencia revela.

Orphão, recolhido pela familia Allan, de qual ficou com o nome, não lhe recolheu a herança porque, aos dezoito annos, entrou em uma vida de orgia, desordenada e desregrada, que impoz a sua exclusão da Universidade de Virginia.

Sentou praça e foi para a Academia Militar de West-Point ; mas, insubordinado, foi para Baltimore, depois de expulso do exercito. Era a miseria ; mas apareceu-lhe, afinal, em Baltimore, uma revista, cuja direcção assumiu por dez dolars por semana. Embriagava-se ; apesar disso, em 1834, casou-se com uma prima, que pouco viveu, mas que nos treze anos de matrimonio conseguiu ordenar a vida de Poe e afastal-o do seu terrivel vicio. Em 1838 tinha o casal mudado para Philadelphia e o illustre escriptor via firmada a sua reputação literária com a publicação dos seus melhores contos ; mas o seu feito era incompativel com o socego : brigou com toda a gente e teve de sair da direcção do *Grahn's Magazine* e ir para Nova York, onde o sucesso do *Corvo* atraiu numero publico ás suas conferencias e deu leitores ao *Broadway Journall*, de que se tornou diretor. A morte da esposa deu-lhe a liberdade. O álcool empolgou-o de novo.

“Atirou-se-diz o Sr. Van Dyke-a uma serie de aventura sentimentais, em que parece se apaixonou ao mesmo tempo por diferentes mulheres. De uma foi mesmo noivo: mas como elle não cumpria a promessa de deixar de beber, elle quebrava o compromisso. Poe queixou-se

amargamente della; mas escreveu logo cartas apaixonadíssimas a outra senhora... Afinal, voltou ao seu antigo *home* de Richmond; embriagou-se perdidamente e reatou relações com uma viuva, outrora sua noiva, que prometeu casar-se com elle. Filia-se a uma sociedade de abstinência total e parte para Baltimore com o fim de arranjar os papeis para o casamento.

Que acontece então ao desgraçado? Nunca o saberemos. Aproximou-se nos vapores amarelos de alcool. Sete dias depois de sua partida de Richmond, encontraram-no bêbado, sem consciência, em uma taberna de Baltimore, onde polithiqueiros de baixa esfera embriagavam miseráveis antes de os levar á urna eleitoral. Lavaram-no para o hospital. Só saiu do seu torpor para divagar e exclamar: “O meu melhor amigo será aquelle que tomar uma pistola e fazer saltar este cérebro desgraçado!”

No domingo, pela manhã, tornou-se mais calmo. Dormiu, descansou e acordou para dizer : “Deus, regula a minha pobre alma !” Tinha expirado...”

Triste fim: mas este homem condenado ao alcool foi capaz de produzir bellissimas obras e de influir poderosamente não só na literatura americana, senão tambem na da velha Europa. Ninguem olha para o bebado que foi Edgar Poe : esse esqueceu-se e só os eruditos se entregam á indagação de que fez. O que sobrevive é o autor do *Corvo*, que ninguem quer saber se foi um misersavel ou um justo...

## **Crítica 8**

Jornal do Recife, 1 de março de 1910.

### **Machado de Assis e Edgard Poe**

Machado de Assis, no ultimo quartel do século XIX, um dos nossos mais copiosos e abundantes escriptores, copioso, sim e só, no “sentido de autor de numerosos livros”, se exceptuarmos, talvez, o sr. Coelho Neto, cuja obra litteraria é, quantitativamente, a vais vasta dos nossos romancistas vivos e tambem que a delle, - não soube, entretanto, chegar ao limiar da morte, legrando-nos em verso, a cópia de poemas que era licito esperar de seu engenho fértil, original e polymorphico, das suas excelentes qualidades de observador meticoloso e esmiuçador, do seu genio eminentemente analysta e creador, de sua capacidade de idealização artística e,

quiça, das estréas não pouco vulgares das *Phalenas*, das *Chryslidas*, das *Americanas*. Encarando homens e cousas “à travers um ironie aceptique et calme, en dissimulant autant qu’il pouvait ses inquietudes ot en, laissant é happer parfois une pointe d’émotion qu’il a’ingeniait également à ne pas manter” qual reconheceu, alhures, o sr. Oliveira Lima, a sua poesia ressent-se, tambem, de todas as falhas e defeitos que se lhe pode apontar nos seus romances, mesmo os mais celebrados, trahe as suas hesitações e incertesas, as suas vacilações descabidas, o seu pudor intelectual, quasi inexplicável, e o que é mais, ella é “pela ausencia de cor, falta de eloqueneis ou energia, ausencia de animação”, de câlor, de brilha, de colorido no desenho, de realce das puras, de leuçanias e galae galas no enroupar o verso, de surtos de imaginação, de sentimento de comunicabilidade e das outras muitas qualidades que levantem os poetas da eraveira comum para dar-lhes uma popularidade, ás vezes, ou quasi sempre, requestada (Camillo e Sr. José Virissimo, ambos os dois já e disseram) – é mais conhecida e admirada no meio de puros intellectuaes que comsigo participavam da peregrinas convivência espiritual da Academia e de Garnier, que pela geração que tem transmitido á nós outros a *Canção do Exílio*, os *Meus oito annos*, as *Voses d’Africa*, e *Se eu morresse amanhã*. Sem se enquadrar nos moldes dos escriptores pró-humanos, endeusados dos Nietsches e outros quejandos, Machado de Assis, no emtanto, com o seu scepticismo manso, a sua ironia brincalhona, extravagada da mais intensa melancolia, com a “sua inclinação mórbida em se analisar”, (Vietor Orban), a sua desconfiança de tudo, a sua tristeza invencível, toda pessoal, toda urdida nos jogos do espirito, os quaes tinham por theatro os seus mesmo sentimentos, as suas mesmas duvidas, as suas próprias vacilações e incertezas, - não nos cabe comunicar os múltiplos e diversíssimos aspectos da vida

- criatura antiga e formidável

que a si mesmo devora os membros e as entranhas –

não nos commove ante a dôr humana (e o “Epitaphio do Mexico”, “Polonia” e “La Marche de Miramar”, não tinham o valor de afirmativa), não encontra no mundo os grandes temas objetivos que deram a inspiração epios da “Lenda dos Seculos”, do “Livro e a America”, das “Duas Ilhas”, ou de “Pedro Ivo”, não nos toca ao coração, “não contenta, talvez, como dia o Sr. J. Verissimo, a nossa necessidade de emoção”. Não sendo mais parnasiano, ao geito especioso do sr. Olavo Bilac ou do sr. Alberto de Oliveira, polido, limado, apurado de forma até ao sacrificio da ideia, a sua arte reveste-se ainda da falta de correspondência que existe e existirá

sempre, entre o meio e o artista, a modo que este possa dar-nos, conforme escreve engenhosamente Schopenhauer, “os seus olhos para observarmos o mundo”. Dest’arte, apesar de lhe haver, e parnasianismo, pespegado alguma das suas boas qualidades, o retrahimento, a sobriedade, a pobreza de estro, a carência dos largos recursos de imaginação, a hesitação flagrante, o entorpecimento das ideias, e afinal, todas as falahas que se lhe pode notar, são antes falhas do seu temperamento, do que estreitou preocupações da escola, de onde, forçoso é reconhecê-lo, o seu talento já de muito, escapado. No tocante á língua, condição a que antes de todas cumpre sempre atender, demasiado receio adiantar-me, afirmando que, a de Machado de Assis, é um dos melhores e mais perfeitos moldes de expressão que tem tido, no Brasil, o luso idioma, desde Gonçalves Dias e João Lisbôa, até Ruy Barbosa e Carlos de Laet. Intermina fora a documentação deste asserto, mas basta a leitura das *Poesias Completas* ou do *Dom Casmurro* para se ter a certeza de estar em face de um poeta cujo sentimento de disciplina ás formas vernáculas da língua, pouco deixa a perder de vista de um Alencar ou de um Gonçalves Dias.

A ideia de transladar a portuguêz, *The Raven*, de Edgar Poe, suggeriu-a, talvez, a Machado de Assis, a estreita correspondência do seu engenho de poeta, meramente subjectivo, com o thema desenvolvido e explorado pelo poeta americano, que, tambem com o seu poema, pretendeu desmentir a “most writers - poeta in especial” (falle elle mesmo) que querem fazer acreditar ao publico que eles “compose by a species of fine fransy – na ecstatio intuition”. Arrojando-se e quem poderia esperar o lustroso êxito de seu grande commettimento? – arrojando-se, repito-me, a fasel-o reconheceu para logo, o autor de *Bras Cubas*, a maior ou menor unidade de processos literários existentes entre si e Poe, a certa afinidade de aptidões intellectuais que parecia se não identifical-os, ao menos aproximal-os. E d’ahi nasceu, supponho eu, a identificação do traductor com o creador, de modo a agorentar de antemão, áquelle, os louros da victoria. Propensos ambos a melancolia (e a Poe, disso o Sr Julio Claretie, n’um curto, mas luminoso estudo – *Le Genie de l’Epouvante* – se poderia adicionar “l’homme que ne rit jamais”) e a tristeza; embebidos ate ao cerne da alma nos crepúsculo diluentes da vida deviam de, ao menos, ter o mesmo ideal trágico, as mesmas emoções cálidas e fortes, sem comtudo, polarizarem-se ambos n’um so escopo.

Se Edgar Poe a Machado de Assis vao grande differença é porque este ocultava, uma e muitas vezes, o que lhe ia por dentro: - era um espirito ponderado, reflectido, tendo, sobretudo, o sentimento exato da proporção; sabia filtrar no seu temperamento, afeito ás normas da polides e da educação, tudo o que lhe parecesse contrario ao seu genio sóbrio e calculado.

Um latino saciado de *El-diabo-mundo* e de *Lars*, das Flores do Mal e do *Poema do Frado*, não escrevia nunca jamais aquellas paginas assombrosas, se assim me permitem o ephiteto, de realidade tangível, de expressão e erudicção, da – *Philasophy of Composition* – não avalia, nem se lhe pode encasquetar na mente, que um poeta antes de se atirar a narrativa de um doente de “moléstia do século” esboce paciente, e quasi ia a dizer geometricamente, os seus contornos, medite, nas difficuldades que lhe possam estorvar o caminho; procure o mais “melancholy topics what, according to the universal understanding of mankind” é o mais triste dague, quando a Morte deve de ser tambem o mais “melancholy of topies most poetical”; e por fim se deite a investigar em que occasião as mais tristes fleções humanas, se tornam as mais bellas!

Pois Edgar Allan Poe – anglo-saxonio temperado na America – fel-o, realizou tudo isso no Corvo, e, por fim, deu-nos mais alguma cousa além de uma canção dolorosa, pungente, onde atravez de uma “penumbra discreta... como o ambiente branco em que os pintores de certa escola moderna envolvem as suas creações” aparece, velada de sombra, docemente apagada no pseudonymo de Lenora, a imagem angélica de Virginia, “a tysica”, como a chama o sr. Claretie, a pobre mulher do poeta, a santa que se foi. É de vêr como elle pergunta irado e ancioso por ella, ao Corvo fatídico ,que so tem no bico o eterno – Nevermore!

“Phophet!” said I, thing of evil – prohet still if Bird or devil!

By that Heaven that bends above us – by that God we both adore –

Tell this soul with sorrow laden if, within the distant Aindenn,

It shall clasp a sainted maiden whom the angels name Lenore –

Clasp a rare and radiante maiden whom the angels name Lenore.

Quoth the Raven, “Nevermore”.

Com bem soube Machado de Assis, transladar esta estrofe! Coteje-se:

“Propheta”, ou o que quer que sejas!

Ave ou demônio que negrejas!

Propheta sempre, escuta, attende, escuta, attende!

Por esse com que além se estende,

Pelo Deus que ambos adoramos, fala

Dise a esta alma se é dado inda escuta-a

No Eden celeste a virgem que ella chora

Nestes retiros sepulohraes,

Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora!

E o corvo disse: “Nunca mais!”

O soliloquio de Hamlet no palácio de Eleneur, pode ter um fundo philosophico mais verdadeiro, mais profundo, mais seguro, pode haver nelle maior senidade de conceitos, preocupações sociaes mais altas, perguntas mais atiladas e repostas mais engenhosas, porem nunca maior somma de beleza artística, de idealização poética, de intensidade de emoção, de recursos vastos de métrica, de segurança de estylo, de riqueza e variedade de vocabulário, de gradação meticulosa do colorido e de força verbal, como acontece com o *Corvo*.

O translado portugues se não sustenta nota, tambem não lhe desmereceu a alta beleza, não lhe tira a intensidade repercutidoura da commoção que deve despertar em nós a desventura do poeta, mas, antes, reproduz, com um accento mais humano, mais virginal e um pouco menos emphatico, as imprecações do desesperado Poe.

Se é certo que Poe soube menos soffrer – mas sempre tirou da sua vida de “judeu errante da dor” todo o pathetico que podia comportar a sua arte - , não é menos certo tambem, que Machado de Assis soube melhor “agir”, temperando a sua vida de amarguras e dissabores, com um riso levemente acerbo, mixto de scepticismo e ironia. É que no espirito de Poe havia um sem numero de “idéas imperfeitas” (inadéquates), bastantes para fasel-o “presa de um numero de paixões tanto mais considerável quanto maior for o numero” daquelas idéas. (Spinosa, Ethica, Liv III, Theor 1). Machado de Assis, espirito mais bem equilibrado, padeceu resignadamente, sem uma queixa, sem um gemido; soube melhor doirar a pílula da vida, no diser elegante do sr. Ruy Barbosa; “agiu” de molde a ser comprehendido o homem pelo próprio homem. Na trudução do Corvo reflecta-se toda a verdade do que se disse linhas atrás.

[Ilegível] dos dois textos. Quem quiser ter a certesa, porem, coteje a estrofe quinse e verá a forma mais humana, mais doce, que deu o poeta brasileiro a imprecação enraivecida de Poe.

O sr Jose Verissimo considera a tradução de Machado de Assim “assombrosa de expressão e de força”. O sr. Victor Orban, analysando o autor de *Dom Casmurro*, como “romancista, novellista e poeta” assim se exprime sobre ella: “Mentionons aussi as traduction si estimée du *Courbeau* d’Edgar Poe, version rimée et rythmée qui atteint á l’ampleur d’une création, tant elle exhale de troublante mélancolie”. O sr. Oliveira Lima verifica a “necessidade” que tinha a inspiração de Machado de Assis do “stimulant tragique d’Edgar Poe”. Eu de mim, contento-me com ter a certeza de existir na minha língua um translado vernáculo do poema considerado na America como o “*nec plus ultra* da poesia dramática”.

E esta certeza já é de si uma gloria.

A. Bandeira de Mello

## **Crítica 09**

Gazeta de Notícias, 19 de fevereiro de 1911

### **Historia da Meia Noite**

E' a Meia-Noite que se deve ler Edgar Poe, hora em que todos dormem, hora em que se deve bater o coração de terror. A Vida esvae-se no Espaço, povoada de Espectros e de Visões. A própria luz das estrellas parece cahir, sobres és mortaes como o olho frio de Velhos, na imaginação do poeta norte-americano. Um tremor convulsivo percorre-nos a pelle gelada: um ruído extranho como o de um tambor longiquo, accelera-nos o sangue, dando alarma aos Fantasmas do Medo e da Superstição.

Luis Murat

## **Crítica 10**

O Paiz, 20 de julho de 1912

O Sr. Emile Lauvriére, em edição da casa parisiense Blond & C., publicou um estudo sobre a vida e o genio de Edgar Poe, que traz para a historia do grande poeta americano certas informações novas.

Assim, como este volume de agora fica completa a obra que o mesmo escriptor há annos publicou na livraria Alcan, como o título “Edgar Poe, sa via et son venere”.

As investigações recentes dos editores americanos trouxeram muitos esclarecimentos a esta tao conturbada existecia e a correspondência publicada em Londres, revelou também certos factos desconhecidos.

Agora simplifica-se o caso complexo de Poe.

A sua infância desventurada é contada com uma precisão de informações e pormenores que não deixa ignorar nada da informação do seu character.

A inquietação albergava-se-lhe na alma com a miséria dos primeiros dias. Estudante, poeta e soldado, Edgar Poe não podera fixar em parte alguma as suas novas affeições.

Entretanto afirma-se o seu genio apaixonado, provocando a surpresa e a admiração para em breve tornar a cair nas trevas da depressão e do desespero atravessados por fulgurações mysticas.

Elle defendia-se de ter hábitos de embriaguez. Era um deprimido, explica o seu biographo: “sentimento vago de tristeza que occupações e distracções não podem vencer, eis o prodromo habitual da crise deprimida; os doentes, desanimados e deprimidos, renunciam ao trabalho em que se lhes torna então impossível pensar; ideas negras perseguem-os; tudo parece mudado á volta delles; elles sentem-se como que ameaçados por uma próxima desgraça...”

Desta depressão geral de ser, resulta a imperiosa necessidade de beber.

É de notar-se que Poe só bebia por crises. Teve grandes períodos de calma, de lucidez, de trabalho fácil.

Nos “magazines” de Philadelphia desempenhou-se de todas as funções de secretario de redacção com uma surpreendente alocuidade, e um senso artístico e commercial de véras raras. As suas occupações materiais, correspondência, leitura de manuscriptos, correção de provas, lançagens de edições, não impediam de escrever e de publicar os seus melhores contos.

Natureza simultaneamente frágil e dúctil, mas indo raras vezes até ao fim da sua vontade, presa de ilusões, de impulsões, de fantasmas, elle estava predestinado para a fatalidade e para a desgraça.

Estas observações constituem o fantástico do seu genio, podendo dizer-se que a sua obra é inteiramente formada pelo seu soffrimento e pela sua nevrose.

O genio é a doença; a força de Poe é o seu mal. A America era ainda em demasiado sã e forte para comprehendel-o. Só a terna Miss Clemm e a delicada Virginia, a muito amada esposa do poeta, o comprehenderam profundamente, consolando-o muitas vezes e amparando-o com a sua ternura neste oceano de miséria e indiferença. Cumpre associar estes dois vultos de mulher á gloria do escriptor.

## **Crítica 11**

Diário da Tarde, 31 de maio de 1913.

### **Sarças de Fogo**

Um anno, cheio de uma tristeza suave, de uma suavidade fina, espiritualizada pela saudade, ou irradiantes dias de sol, deste sol amigo que illuminou e aqueceu berços sagrados e que illuminará eterno, túmulos brancos onde repousam na grande, na suprema paz dos felizes corações que por mim pulsaram célebres, mãos que me abençoaram, que me afagaram e que o humilde berço meu embalaram carinhosas e boas, lábios que me beijaram cheios da piedosa unção materna, olhos húmidos de lagrimas, que me seguiram, como estrellas, por inóspitos caminhos e mares tomentosos, num largo percurso de dezesseis annos, de uma existência cheias de pequeninas agitações, batida de muito desengano, surgida de muitas desillusões...

Eu te bendigo, ó sol, eu beijo de joelhos, no invocativo e sugestionante rastro de luz morrente, que deixas, como suave caminho de Damasco, quando por um fim de tarde, te envolve o crepúsculo, que é a excelsa purpura dos deuses, todo um passado de fundas e dolorosas recordações, onde até hoje, nos sombrios momentos afflictivos, ainda vou, miserável e vencido, procurar conforto para minhas magoas e para as minhas dores, que resplandam alto, intangíveis, no sete-estrello do meu grande orgulho.

Olha, ó sol, quando estas linhas traço, restas do teu olhar amortecido, sem calor e sem vida, entram arquejantes, arrastam-se pelo soalho do meu gabinete, sobem cançadas, circulam a artística e incomparavel cabeça da “Gioconda” do divino Leonardo da Vinci, beijam a fidalga moldura, de cujo centro avulta o busto do extraordinário Edgar Poe, uma das mais potentes e assombrosas imaginações que hão, com genio e requintado bizarrismo, se derramado pelas paginas da literatura universal, fulgindo da immortalidade das concepções immortaes.

Escutemol-o na maravilhosa concepção de “Corvo”:

“- Profeta! Disse eu, ser de desgraça! Pássaro ou demônio, comtudo profeta! Quer sejas um mensageiro do Tentador, ou um simples naufrago, lançado pela tempestade a esta terra deserta e enfeitçada, a este lar de miséria e de horror, dize-me sinceramente – suplico-t’o! – é verdade que existe um balsamo da Jedéa? Oh! Dize-m’ e por piedade!

O corvo respondeu:

- Jamais.

- Profeta, continuei eu, ser de desgraça! Pássaro ou demônio, comtudo profeta! Pelo ceu que nos cobre, pelo Deus que ambos adoramos, dize-me se esta alma, esmagada pela dor, poderá um dia, no paraíso longínquo, abraçar a mulher amada, preciosa e deslumbrante a quem os anjos chamam Leonor?

O corvo disse:

- Jamais!

- Sejam tuas palavras o sinal da nossa separação, pássaro ou demônio! Exclamei eu, pondo-me em pé. Volta á tempestade e ás costas da noite plutônica! Não deixes aqui nem uma só das tuas pennas negras, em memoria da mentira que acabas de proferir.

Não violes por mais tempo a minha solidão. Tira-te da minha porta, arranca o teu bico de meu coração e precipita o teu espectro para bem longe deste quarto!

O corvo disse:

- Jamais!”

Ribeiro Garcia

## **Crítica 12**

Jornal do Recife, 09 de setembro de 1913

### **A dor analysada**

Atravez das idades, no desenrolar de todas as éras, temos visto a documentação mais verdadeira do sofrimento humano, nas almas dos martyres dos heroes e dos gênios que passaram pelo mundo, assediadas pela fusão do sentir e do vibrar, cheias de múltiplos aspectos.

É no mundo dos loucos e das sensações que a Vida em seus Iluminados, assistimos a alma humana librar-se do alto, espralando os seus primeiros voos, com intensa vibração,

sentindo, cantando, em busca da Arte verdadeira, que acolhe todos os que anseiam, na febre máxima da germinação dos grandes heroes.

Para o espírito sentir, tremer e vibrar, é necessária a Dor, a Dor que ilumina em uma invisibilidade dando correntes vibráteis aos nervos, a Dor creadora de novas energias com o seu poder de transfigurar os sonhadores e os crentes.

É por isso que no verso ou na prosa, a Dor canta em todas as linhas, traduzindo realmente todas as sensações poderosas que a alma do artista contem, trazendo a nossa observação a grandeza emotiva, que aumenta e se desdobra, buscando a perfeição.

É a Dor infinita que transforma os artistas, alimentando a ansia da libertação, é a Dor sagrativa que sobrepuja muitas vezes a morte, é a Dor que imortaliza, apresentando o artista á posteridade que vem.

É sabido onde ella mora, onde vive e onde se agita, em que região mysteriosa abita, que substancia ou em que matéria está contida?

Sabeis o que pode fazer a Dor? A Dor é a janella que se escancara para a vida; para conhecer o mundo o homem deve estar nessa janella.

Em todos os tempo e em todas as éras, sempre grande e sempre poderosa, ella vem accendendo a alma do mouro de Venesa, desiludindo o espirito de Ophelia, monologando nas palavras de Hamlet, immortalizando Edgar Poe, fazendo Dante descer as escadas do Inferno, fazendo Fausto subir as escadas da Luz, irrompendo maravilhosamente de Goethe, tendo suaves mysticas em Antonio Nobre e desesperos em Cruz e Souza.

Só a dor é real, disse Voltaire.

Só a dor é positiva, disse Schoppenhauer.

É por isso que a Dor é divina; nasce nos vagões do ser que surge, de crescimento em crescimento transpõe todas as barreiras, vencendo a fragilidade da morte.

Desde o verme que é homem, até o homem que é verme, a Dor tem seu império, e é pela Dor que se luta, se soffre e se trabalha na conquista do pao.

Bendita seja eternamente essa Dor que impulsiona e vibra os fracos, que nos faz compreender a vida e nos arroja aos grandes empreendimentos, sempre portentosa e sempre soberana, levando tudo de vencida.

Eu creio na Dor que sendo humana é divina também, porque ella é a causa, a fonte, a origem das immortalisações.

Eu creio verdadeiramente na Dor, creio no seu poder e na sua força, creio no seu império e na sua constituição, é o meu credo de todos os dias; e o credo simples de quem fazer.

Todo aquelle que estiver aberto ás emoções e ao sentimento, recebe a sua derrota um culto sincero á religião mais santa, que somente a Dor pede influxo vitale é dahi que uni banho de luz inunda os espíritos das homens, em estranhas proporções.

Se não houvesse a Dor, o mundo não teria sua razão existencial, e o homem não vibraria, e nem se emocionaria nunca.

Tudo é pequeno no mundo.

Só a Dor é grande.

Oliveira e Silva

### **Crítica 13**

Gazeta de Notícias, 17 de outubro de 1913.

### **Notas Americanas**

[Ilegível]

Isto é o que não pode conceber-se na Inglaterra. Se houvesse alli verdadeiro espírito democrático, - este amor christão pelo mais humilde dos seres humanos – o *Times*, com seu garbo ridículo de Jupiter Tonante, não dizia, como disse, que o povo, que consentiu n'um julgamento como esse, que foi antes um circo de palhaços, não tem o direito de condenar a Guiteau. Ora, o *Times* sabe perfeitamente que, mesmo que o juiz o quisesse, não podia impedir o espetáculo que o réu nos deu. Na Gran-Bretanha, talvez se possa condemnar a um homem á morte na sua

assencia; aqui não se pode fazer isso; n'esta terra bem se pode obrigar a um réu a ser testemunha no seu processo. Mesmo no Brazil ninguém pode ser sentenciado senão por virtude de lei “ou na fôrma por ella prescripta.”

O que é que os inglezes quereriam que se fizesse de Guiteau? Prendel-o? Pol-o no pelourinho? Amordaçal-o? Há, pois, cousa mais ridícula do que atacar a grande Republica por não ser bastante communista para enforçar Guiteau sem processo de lei?

Como disse, isto não é senão um exemplo da injustiça descabida com que os filhos da Gra-Bretanha fallam da America. O crime d'esta é ser uma democracia opulenta e feliz, e tambem rivalizar com a velha mae-patria nas artes e officios de paz.

Vejamos agora um outro exemplo d'este sublime e altaneiro tom moral, d'este rigor no que é estritamente de direito, que nossos amigos do além mar assumem. Oscar Wilde, moço de vinte annos, filho de sir Wilde, cuja família é uma das “melhores” da Inglaterra, estudou em Oxford e fez seus versos. Um dia deparou com as obras de Ruskin e declarou-se “esthetico”. Elle e outros como elle, descobriram que um dos fins da vida era procurara o bello em tudo; e a primeira cousa que fizeram foi vestirem-se de modo diverso do resto da pobre humanidade. O *Punch*, de Londres, descobriu, a seu turco, que na linguagem exagerada da nova “escola”, e no traje e hábitos dos seus havia uma mina preciosa para o lápis de Du Maurier, cujos cartões tornaram-se popularíssimos. A esse tempo estavam a beira de um assunto o musico Sullivan e o libretista Gilbert, que tao estupendo êxito haviam tido com suas operas cômicas *Pinafore e Penzance*.

O *estheticismo* cahiu-lhes justamente no gôsto, e o resultado de seu trabalho foi dado á lume, na Inglaterra e aqui, na operetta *Paciencia*, que é de facto um primor de trabalho litterrario e de inspiração musical. Gilbert aproveitou as melhores exagerações da linguagem dos *estheticos*, ao passo que a musica leve e engraçada de Sallivan ajudou o publico a fixar na memoria os disparates innocentes dos desvairados estheticos. A operetta tem tido immenso successo em toda a União, e 80 companhias a estão representando em vários pontos.

No meio d'isto ocorreu uma brilhante ideia ao empresário inglês que pôs em cena *Paciencia* n'este cidade, uma ideia que não teria ocorrido ao Yankee de sangue puro. “Se a opera

tem tido tamanho êxito”, pensou Mr. Carte, “o que não seria se trouxesse da Inglaterra o verdadeiro e genuíno [ilegível] Oscar Wilde!”

Dito e feito, Mr. Carte vai á Inglaterra e um bello dia se annunciou que o esthetico-aristocratico vinha á America exhibir-se a um dólar por cabeça, sob a mesma gerencia do homem que está gerindo a representação da comedia em que elle é o verdadeiro protagonista! Eis aqui o orgulho inglez, o sentimento do tal “propriety”, das conveniências sociaes: tudo cede ao dollar, até ellas mesmas.

Hoje aqui anda perambulando Oscar Wilde, com calções pretos, meias de seda preta, casaca cortada como outra qualquer, collarinhos dobrados e enormes, a fita do relógio sendo de chamalote, de cerca de três centímetros de largura e rematada por um sinete pesado. O poeta-esthetico traz o cabello até os hombros e tem uma expressão estólida e sensual. A prelecção que repete não se póde compreender, - mas tambem isso é segundo os princípios do *esteticismo*, essa “musica sublime que so as almas purificadas na cultura do bello podem ouvir.”

Devo dizer que Oscar Wilde esta muito enjoado da America e talvez publique uma obra contra o paiz. A gente aqui sabe d’isto, mas paga o seu dollar para vel-o; e vim vel-o com curiosidade com que viria o elephantesinho que há dias nasceu em Bridgeport e que é propriedade do grande P. T. Baraum, o emperezario da “maior exposição moral no globo terrestre” (i. e. um circulo e *ménagerie*).

A America perdeu este mez um dos seus homens mais distinctos e que tem dados mais fama a seu paiz no mundo scientifico. Refiro-me ao Dr. J. W. Draper. O estudo da sua vida foi o homem, physico e social. Sem admitir theorias concebidas por outros, elle tomou o homem e estudou-o anatômica e physicologicamente, ajudado nisto pelos estudos médicos que seguira.

A sua *Physiologia* é uma obra prima. Ao mesmo tempo fez estudos profundos na chimica e recebeu vários prêmios das sociedades inglezas e americanas. Entretanto, nunca deixou o homem, e começou a estudal-o historicamente pelo meio da physiologia, chegando á conclusão que, assim visto, podemos apreciar os pensamentos e os motivos do homem com mais justiça e exactidão.

O resultado desse estudo ahi o temos n’este trabalho monumental, que está traduzido em muitas línguas, a *Historia do desenvolvimento intellectual da Europa*, publicada há 18 annos.

O que Comte mostrou que se devia fazer para dar conta da raça humana, o que o fellecido Bucke fez para a Inglaterra. Draper conseguiu para toda a Europa n'essa obra. Logo depois da guerra civil fez o mesmo estudo em relação à America. O ultimo de seus livros, o *Conflito entre a religião e a sciencia*, tem tido muitas edições aqui e em todos os três paizes em que é publicada a *Bibliotheca Internacional*, onde appareceu.

Dos americanos da geração passada, que tem dado renome ao seu paiz no mundo do pensamento, so restam agora dous: o philosopho Emerson e o poeta Longfellow, que ambos vivem no Massachusetts, este na cidade acadêmica de Cambridge e aquelle na pittoresca villa de Concord, onde ao verão preside a uma “escola” de philosophia, que vai ganhando bastante terreno. Mr. Emerson não tem *systema*, de facto, no seu espirito ter *systema* é dar mostra de charlatanismo. Seus escriptos são encantadores pelo mysterio concreto, e pelo vivido poder de expressão. Seu transcendentalismo se basea na intuição das cousas mais communs da vida. Para elle o curso dos acontecimentos humanos não é de desprezar-se.

Longfellow é o ultimo dos poetas que sobreviveu, e talvez passem muitos annos sem que vejamos outra fonte engrinaldada com os louros que adornam a cabeça branca do suave cantar do [ilegível] e da *Evangelina*. Longfellow completa esse mez 75 annos, sendo quatro annos mais moço do que Emerson. Os dous poetas vivos mais distinctos, depois d'elle, são Whiltier, o quaker abolicionista, o cantor peculiar das scenas da Nova Inglaterra; e o Lowell, ministro d'este paiz em Londres.

Nenhum desses dous, porém, nem o próprio Briant, que morreu há poucos annos, há de deixar nome tão duradouro como Edgar Poe, o infeliz ébrio de Baltimore, a quem agora procuram elevar o estatus.

Os seus próprios defeitos – a sua imaginação sombria, mórbida, a sua falta quasi completa de sentimento moral – unidos a seu talento extraordinário, concorrem para sua maior popularidade; e alguns de seus cantos hao de viver mais do que a traducção de Homero por Mr. Bryant.

Agora, que se trata de erigir-lhe uma estátua, começa a a dissentir-se muito e que se ventilou há alguns annos, se Poe era com effeito tao feio como o pintoram seus primeiros biographos. Mas, uma vez admittindo-se que Edgar Poe não podia passar sem estar sob a

influencia do álcool, essas questões me parecem muito fúteis: o homem n'essas circunstancias é capaz de tudo, pois o habito faz-lhe perder o sentimento moral.

É escandaloso, pois, procurar-se mostrar que Poe não foi ingrato a seu protector e não merece a fama que ganhou e que justificou morrer de *dellirium* num hospital de imbecis.

Há sete annos procurei ver no cemiterio de Baltimore o tumulo d'este homem admirável, mas não havia ali uma lousa, uma pedra, uma flor! Pobre! Depois d'isso vi nos jornais que os professores das escolas de Baltimore promoveram entre si uma subscrição, cujo produto foi applicado á compra de um monumento simples, que agora se ve alli. Honra a estes modestos trabalhadores da civilização por este bonito tributo a um dos grandes talentos de sua terra! Agora já se fala de estatuas em varias cidades. Á proporção que nos afastamos d'essa vida de disparate e orgia, mais imparcialmente podemos julgar da posição litteraria de Poe, e mais brilha elle na constellação americana.

--

New-York está cheia de neve, ou antes de uma empedernida pelo frio, o qual n'esta temporada veio muito tarde. Ao longo das avenidas há uma cordilheira de metro e meio de altura de cada lado da calçada de passeio. Calcula-se que gastar-se-hia cinco mil contos para remover só a neve da ultima tempestade, e assim ficamos á mercê de algum dia calmo em que a pedra se derreta e nos alague os pés. E apesar de tudo New-York é a cidade mais fascinante da America. Os residentes de Boston me teriam como herético, pois elles crêm que a capital de Massachussetts é o centro da intelligencia e finura d'este Novo Mundo.

Mas o orgulho de Boston se basea em tradições que já se perderam. New-York possui, além do encanto de uma civilização adiantada, um espirito de catholicidade e de tolerância que é difícil encontrar entre os descendentes dos puritanos. A mulher intellectual de Boston pensa que a educação e o primor na arte do viver são incompativeis com os cuidados que a moda exige. De facto, as mulheres da Nova Inglaterra calculam desprezo das artes ornamentais. Um vestido preto ou muito escuro, feito inartisticamente, segundo o molde de algum jornal, e uma aparência mais que singela, são alli considerados *de vulgar* pela mulher que quer passar por intellectual. A rapariga de New York le e discente Platão e Schopenhauer: aprecia Balzac e

Dante, ouve e entende Rubinstein e Wagner e encanta seu interlocutor tanto pelo brilho, graça e espirito de sua conversa como pela beleza e elegância do seu trajar.

Um estrangeiro, que não conhece bem o modo de vida d'esta gente, cuidará que as raparigas não fazem senão divertir-se. A verdade é que ellas divertem-se muito, estudam muito e trabalham muito; como os homens, são muito *intensas*, na linguagem de Oscar Wilde, em tudo a que se commettem.

Aquela morena, que vês dançando até pela madrugada, talvez achal-a-heis ao meio-dia na classe de historia, ás 2 horas na escola industrial a ensinar a costura a meninas pobres, e ás 3 horas n'algum d'estes *chás á tarde*, que estão agora tanto em moda. E não vos deve cansar muito a admiração se a virdes á noite, ao braço de um mancebo, indo n'alguma prelecção ou a algum jogo de rella.

Nos paizes em que a educação da mulher é separada da do homem, um baile pe um grande evento para uma donzela e tambem para os rapazes.

O tiroteio de uma valsa, um olhar tem grandes consequências. As raparigas concentram a energia de uma vida inteira n'aquellas três ou quatro horas de excitação. D'ahi vem que em nossa litteratura há tanta poesia a um aperto de mão. Um lanço d'olhos e outras cousas que a estes anglo-saxões parecem extraordinariamente ridículas. A moça americana não tem essas sensações pelos mesmos motivos: n'um certo aspecto ella é *blaste*. É descrente de tudo que é paixão, e mais inteligente do que o homem, procura-lhe antes o peso moral (e também o pecuniário) do que o calibre de sua própria intelligencia.

Mas não é só na mulher que New-York prima sobre Boston. Em todas as manifestações da vida intellectual precisamos dar a palma á metrópole commercial. As revistas ilustradas d'aqui são afamadas por todo o mundo. As folhas diárias de Boston são apenas summarios das de New-York. Aqui existe a melhor orchestra da America e uma das melhores do mundo, ao passo que fora d'aqui não há teatre dramático que mereça a honra da menção. Os clubs de New-York tem chegado á perfeição. As casas, se são pequenas, acham-se repletos de objetos d'arte, e se não há uma biblioteca, como a de Boston, há muitas, menores, e igualmente uteis.

A vida em Boston é mais pura, mais socegada e regular, mas não é tao variada e brilhante como em New-York. Absorvo esta o que há de excelente no paiz; e se os Bostonhos se gabam de seu *feijão e toucinho* (beans and pork), New York tem o seu *hush* ou picado das casas de pensão. Em New-York vive-se n'um dia o que seria preciso uma semana no Massachusetts para viver. De facto o Bostonio só desenvolve muito mais energia depois que emigra do que enquanto vive alli n'aquelle ambiente puritante.

--

Não há muitos dias um moço graduado em Harvard, perto de Boston, contou-me como um de seus collegas, filho d'aquella cidade galgou em breve a uma boa posição na carreira que seguiu-a do jornalismo. Emigrado para uma das cidades do oeste achou emprego como repórter de uma das três grandes folhas da tarde da cidade, entre as quaes existia guerra activissima. Um bello dia o joven Yankee teve a oportunidade, há muito desejada, de distinguir-se.

Um celebre facinoroso, cujos crimes attrahiram muita attenção e interesse devia ser enforcado n'aquella tarde; mas as folhas da tarde não deram providencias especiais para referir os pormenores das ultimas scenas no cadafalso, pois não haveria tempo, estando a execução marcada para as três horas. Eis, porem, que o moço bostonio descobre que a sentença do juiz resava que F. seria morto “do meio-dia ás 3 horas” e sobreveio-lhe uma ideia que lhe pareceu brilhante. Depois do almoço, procura uma entrevista com o condemnado e lhe expõe o caso: “Se me fizerdes o favor de pedir ao xerife que vos enforque ao meio-dia e lhe regarades que não o diga senão ás pessoas immediatamente interessadas no assunto, segundo a lei, eu ficaria n'este mundo eternamente grato á vossa memoria.”

O condemnado a principio ficou attonito pela imprudência do repórter; mas este venceu com argumentos sobre o nenhum valor de três horas de vida e tambem com a promessa de uma recompensa substancial a um filho que deixava. A execução ocorreu á uma hora, e a *Estrella da Tarde* foi o único jornal da cidade que conteve os pormenores de tudo que se passou na execução. O Yankee foi promovido a sub-redactor.

O que pode fazer um Yankee que emigra da Nova Inglaterra mostra-o melhor do que ninguém Jay Gould, que em 12 annos galgou a posição de um dos maiores potentados da terra.

Como corretor de fundos, elle e James Fiske, que morreu assassinado, entraram em especulações com as acções da estrada de ferro do Eriè, e o resultado foi tomarem posse della, imitiram acções ilegais, que foram legalizadas por um juiz judeu, a quem haviam comprado de antemão a estrada que, annos depois, faliu.

O ouro n'aquelle tempo estava com muito [ilegível], comparado com o papel moeda do paíz. E os direitos da estrada eram sá pagáveis em ouro, de modo que havia muita procura de metal, não só para esse fim como para salva-los de outras obrigações. Os corretores faziam contratos de entregar tanto e tanto ouro em tal dia, e esses contratos eram negociáveis. Gould e Fiske [ilegível] compram do mercado todo o ouro disponível e em certa sexta-feira memorável, que até hoje se chama *black-Friday*, insistiram no pagamento das sommas enormes que haviam negociado por si e por seus. Muito pagaram preços exorbitantes para serem salvos da fallencia. Foi um cataclysmo completo, excepto para os dous especuladores.

Pouco depois disso Flake desapareceu de scena e Gould tem ido sempre augmentando o seu poder. Hoje não há soberano no mundo que tenha tao vasta influencia nos negócios como elle. Bastaria o immenso systema telegraphico dos Estados-Unidos para lhe dar grande poder, pois elle tem alli o voto predominante.

Neste pais de estradas de ferro, Gould da hoje ordens n'um terço dellas. Elle tem uma linha de New York a Boston e de Boston, o extremo nordeste, tem uma linha quasi continua ao extremo do noroeste do paiz, penetrando no Mexico. Elle dispõe da viação de carris elevados d'esta grande metrópole; tem o voto decisivo da companhia de navegação do Pacifico; da do cabo anglo-americano; tem uma grande folha diária em New York, um theatro e bens de raiz do valor de mais de 3.000 contos. As estradas de ferro em que elle domina tem de capital em acções mais de 700.000 contos, e em debentures, cerca de 520.000 de modo que da vontade de Mr. Jay Gould depedem esses 1.220.000 contos. Não quero dizer que elle possua essa quantia, - de fato não é tao rico como Vanderbilt, que deve ter perto de 200.000 contos. Mas elle e seus sócios reguiam a seu prazer o telegrapho, todas essas companhias, a que me refiro, e muitas outras.

J.C. Rodrigues